

Arquidiocese de São Paulo  
Região Episcopal Ipiranga

# **CURSO DE FORMAÇÃO A DISTÂNCIA**

*Bíblia: Caminho de Encontro com Deus*

Unidade 8

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS – 2

*Jesus: Sinal de Contradição*

(Cf. Lucas 2,34)

Caderno de estudos preparado pela  
Equipe do Curso de Formação a Distância  
da Região Episcopal Ipiranga  
Pode-se usar no todo ou em partes, desde que citada a fonte  
São Paulo 2013/2014

## **Equipe Responsável**

Pe. Jorge Bernardes  
Pe. Mauro Negro, OSJ  
Profa. Me. Miriam Basile Canaan  
Prof. Me. Nei Márcio Oliveira de Sá  
Pe. Pedro Curran, OMI  
Pe. Ramires Henrique, NDS

## **Texto desta Unidade**

Pe. Me. Mauro Negro, OSJ. Biblista PUC SP  
Faculdade de Teologia N.S. Assunção

# APRESENTAÇÃO

Você está recebendo o segundo caderno da formação sobre o Evangelho segundo Lucas. O subtítulo é "Jesus: Sinal de contradição". Ele é inspirado em Lucas 2,25.

José e Maria, depois do nascimento de Jesus, o levaram até ao Templo de Jerusalém para resgatá-lo, como era o costume entre os judeus daquele tempo. Simeão, um homem sábio, idoso, temente a Deus, estava no Templo e viu a Sagrada Família. Maria estava com Jesus nos braços, certamente.

Diz o Evangelho segundo Lucas que este Simeão os acolhe e engrandece a Deus por ter visto, nos braços de seus pais, o pequeno Jesus. E o reconheceu como o Messias.

Olhando para Maria, Simeão declarou que aquele menino, tão frágil e humilde, como seus pais, será um **sinal de contradição**. Isto significa que muitos encontrarão nele a salvação, mas muitos serão questionados e até reconhecidos como distantes da verdade e da paz pela ação daquele menino.

Jesus é um sinal de contradição até hoje. Se observarmos o que se pensa sobre Ele, como se entende sua presença, sua Missão e sua Pessoa, veremos que pensam-se muitas coisas, até estranhas, sobre o Crucificado e Ressuscitado.

Maria e José continuam apresentando Jesus ao mundo, embora este mundo ainda tenha muita dificuldade em compreender a Pessoa e a Missão de Jesus. É fácil ficar com o Jesus supostamente revolucionário, mas não com o Jesus que se sujeita às leis de seu tempo, respeitando os costumes e a fé de seus antepassados. É fácil aceitar o Jesus que questiona os costumes supostamente preconceituosos, mas não tão fácil aceitar o Jesus que chama a atenção para os grandes preconceitos contra Deus. É fácil imaginar e aceitar um Jesus para o qual tudo está bem, que aceita tudo, que concorda com tudo, mas não é fácil imaginar um Jesus que propõe um juízo, uma condenação para quem não aceitar o Reino, a Graça e a Paz, como dirá depois Paulo em suas cartas.

A Fé em Jesus Cristo está sendo relegada a uma experiência privada. Não se trata de uma experiência pessoal, individual. A experiência de Jesus deve ser sempre individual, pessoal. Cada mulher e homem deve ter o encontro com o Senhor para poder compreendê-lo e segui-lo. O problema é que esta experiência

agora é imposta para ser privada, isolada dos diversos contextos sociais. A Fé está sendo relegada para o campo das subjetividades secundárias. Não há relação entre a Fé e a História, através da sociedade, da cultura, da ciência. Expulsa-se Deus do mundo, para que o Homem possa reinar sem medidas.

Este é um grande problema. E foi sobre este problema e suas consequências que Jesus fez-se Homem e entrou na História. Para que o Homem não se sentisse sozinho nem cedesse à tentação de isolar-se do Criador. Se Jesus é apresentado como simplesmente “bonzinho”, não nos sentiremos questionados por nada e ninguém. Se Ele for conhecido em sua potência transformadora de vida, então teremos como que nos preocupar em mudar, em nos transformar para melhor. A missão da Igreja nestas primeiras décadas do terceiro milênio é fazer isto.

É assim que Jesus é um “sinal de contradição”. Ele o foi nestes séculos passados e será também nos futuros. A Igreja, nestes primeiros anos do terceiro milênio, está sendo questionada como nunca. Aceita-se a figura e as palavras de Jesus, mas não se aceita a Igreja em seu Mistério. Ocorre que a Igreja, em seu Mistério, é o Sacramento ou o sinal da presença de Jesus na História e na vida singular de cada ser humano, especialmente nos batizado.

No projeto original de nosso curso havia a proposta de apresentar quatro fascículos do Evangelho segundo Lucas. Com a elaboração dos textos vimos que era necessário desdobrar os textos preparados em mais fascículos. É o que se fará a partir deste caderno.

Nesta unidade iremos conhecer Jesus em sua pregação. Já o conhecemos nos momentos decisivos de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Agora precisamos conhecer sua proposta de anúncio do Reino de Deus. Veremos palavras e atitudes confortadoras, mas também veremos muitos questionamentos e propostas que serão, sempre, um desafio a seguir.

Que todos sejam muito felizes nestas descobertas.

Bom estudo do Evangelho segundo Lucas!

A Equipe do Curso de Formação a Distância

# Primeira Parte SOBRE A BÍBLIA E OS EVANGELHOS

## 1. EVANGELHO SEGUNDO LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS

**1.1. Duas partes de uma obra.** O Evangelho é a primeira parte de uma obra maior. Agora devemos observar isto mais de perto e compreender os complexos processos literários pelos quais passou o texto de Lucas e precisamos também considerar os Atos dos Apóstolos. Nós os compreendemos hoje graças a ao método histórico-crítico de leitura e estudo da Bíblia.

### PROCESSOS LITERÁRIOS

São os fatos que envolvem a criação e transmissão de um texto escrito. Ao olharmos os textos do Novo Testamento e lê-los com relativa facilidade, nem temos a ideia de quanto foi complicado que eles chegassem até nós como estão nas nossas Bíblias.

### MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

É um conjunto de práticas que se tem sobre um texto bíblico. A palavra “histórico” indica que um texto, qualquer que ele seja, tem uma história: nasce, vai crescendo, modificando com o passar do tempo, deixando à mostra mais ou menos o que deseja dizer. Ele se transforma, e sua transformação é sua história. Por isso a palavra “histórico”. Já a palavra “crítico” tem a ver com a compreensão destas mudanças e dos seus motivos. Nem sempre os motivos e as próprias mudanças são claros, mas é tarefa da Exegese\* e da Teologia Bíblica\* investigar e buscar respostas.

**1.2. A extensão do texto.** O Evangelho segundo Lucas e o Livro dos Atos dos Apóstolos formam um conjunto importante de textos do Novo Testamento. Eles apresentam uma quantidade muito significativa de textos. Pela sua extensão, Lucas e Atos formam o texto mais longo do Novo Testamento. São ao todo, 52 capítulos.

### **NÚMEROS do Evangelho de Lucas**

Evangelho segundo Lucas  
e Atos dos Apóstolo:

37.778 palavras em 52 capítulos

Cartas Paulinas (13 Cartas):

32.303 palavras em 85 capítulos

O modo de medir a extensão pelo número de capítulos não é o melhor, pois cada capítulo tem seu critério de tamanho independente.

Vejam os Cartas Paulinas: são compostas, ao todo, de 85 capítulos. Mas isto não significa que o conjunto dos textos de São Paulo é maior do que a obra de Lucas e Atos. O Evangelho e o Livro de Atos dos Apóstolos, no texto em língua grega, somam 37.778 palavras, aproximadamente. Já as Cartas Paulinas somam, também aproximadamente, 32.303 palavras.

Segundo esta contagem é quase 5.500 palavras a mais para a obra de Lucas e Atos dos Apóstolos. Este é um modo de indicar o “peso” que estes textos têm. Claro que não basta ser maior para ser mais importante, mas é um critério de informação para a valorização do que está escrito.

#### “APROXIMADAMENTE”

Dizemos “aproximadamente”, pois algumas palavras são diferentes de um manuscrito para outro: pode ser que, em um manuscrito, esteja uma palavra, e em outro, no lugar daquela única, estejam duas ou três que formam o mesmo sentido da única. Isto dá diferenças na contagem. Mas é uma diferença pequena, que não passa de 50.

**1.3. Lucas e Atos dos Apóstolos.** A ideia de que o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos formam uma obra literária é bem antiga. Na realidade ela já está expressa no próprio livro de Atos dos Apóstolos e em Lucas. Vejamos.

Em Atos dos Apóstolos 1,1-3 lemos:

*Compus meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início, até o dia em que foi arrebatado, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo.*

Em Lucas 1,1-4 nós lemos:

*Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste.*

Um dos nossos temas no estudo de Lucas é o destes dois textos chamados de prólogos, o do Evangelho segundo Lucas e o de Atos dos Apóstolos. Aqui não iremos aprofundá-los, pois isto terá lugar mais tarde. O que queremos mostrar agora é que um faz referência ao outro e repete ideias de abertura. Vejamos:

– **O nome Teófilo.** Encontra-se no prólogo de Lucas e no prólogo de Atos. Não sabemos quem é, mas a ele são dedicados os dois Livros.

– **Investigações.** Em Lucas o autor escreve a Teófilo anunciando que irá apresentar o fruto de suas investigações sobre Jesus. Em Atos ele indica que já fez isto, até o momento que Jesus foi levado ou arrebatado ao céu.

– **Testemunho de muitos.** Em Lucas, no primeiro versículo, o autor indica que outros já tentaram escrever algo sobre o que havia acontecido com Jesus. Isto nos leva a entender que este autor, que chamamos de Lucas, conheceu outros testemunhos escritos sobre Jesus. Teria ele conhecido e lido o Evangelho segundo Marcos, que é o mais antigo? E o de Mateus? Haveria outros textos que hoje nos são desconhecidos? Isto tudo são perguntas interessantes. Com o nosso estudo poderemos responder algumas coisas também interessantes.

Este relacionamento que existe entre os dois prólogos sempre foi sinal de que Lucas e Atos dos Apóstolos são duas obras de um mesmo autor. Mas como nos Livros bíblicos nada é muito fácil, temos de considerar também que existem diferenças interessantes entre o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Nós as veremos mais para frente. Por enquanto é importante deixar claro que Atos dos Apóstolos é a sequência do Evangelho de Lucas. Nós chamaremos estes dois livros de “obra de Lucas”, como normalmente se indica nos livros especializados. Claro que nosso assunto aqui será o Evangelho de Lucas, mas para compreendê-lo bem é preciso estudar estes elementos.

## 2. TEXTOS E TESTEMUNHOS

**2.1. Existem os chamados “textos originais”?** Nenhum Livro do Novo Testamento chegou até nossos dias sem mudanças e até interferências. Aliás, também não existe qual-quer “texto original”, isto é, escrito pelo autor. O nome correto para este tipo de coisa é “texto autógrafo”. Então, nenhum dos

textos do Novo Testamento é autógrafo\*. São sempre cópias, que foram copiadas e depois copiadas e assim vai... Cada uma destas cópias é chamada de "testemunho". Um testemunho\* é um texto antigo, seja longo seja pequeno, não importa. O que se faz é buscar o testemunho mais antigo e mais bem preservado.

Ocorre que não significa que um testemunho mais antigo é sempre mais fiel ao texto autógrafo (isto é, original, do próprio autor) do qual foi copiado. Pode ser que ele tenha sido copiado muitas vezes em pouco tempo e tenha acumulado mais diferenças. E outro, mais recente, foi copiado de um mais antigo que se perdeu. Mas esta cópia, este testemunho mais moderno contém menos diferenças ou variantes.

Explicamos melhor: Quando se copia um texto sempre acontece alguma mudança. Quem já não copiou um texto na escola ou uma receita, uma notícia de jornal ou uma oração e fez um erro, mudou uma letra, trocou uma palavra, pulou uma linha, e coisas do gênero? É normal fazer isto. E veja que nos nossos dias a escrita é algo muito fácil, imediato e barato.

## **2.2. A escrita na antiguidade: uma arte complexa.**

Sim, na antiguidade tudo era difícil quando se desejava escrever algo. Primeiro, poucos sabiam escrever. Isto já era um problema. Depois, não havia papel à disposição, nem tinta e caneta. Não era possível fazer rascunhos e escrever novamente. O material de escrita era caro, de difícil aquisição e complicado de se trabalhar.

Além disso, a forma da escrita também era diferente. Não havia letras cursivas. Não havia letras minúsculas, eram todas maiúsculas! As minúsculas foram inventadas depois, pelo século 4º ou 5º. Então, todas as letras eram maiúsculas, sem distinguir nome próprio ou início de frase, o que fazemos com letras maiúsculas. Elas se juntam umas às outras e vão formando palavras. Depois, não havia sinais de pontuação, como vírgulas, ponto final, interrogação, etc. E, para acabar de complicar, não se separavam as palavras. Uma era escrita atrás da outra, sem intervalo. Às vezes uma letra servia para a palavra anterior e posterior, "economizando" letras... Vamos inventar uma frase qualquer e fazer um exemplo. Uma frase ou duas, até meio estranhas, para estudarmos:

*Na antiguidade a escrita e a leitura não era algo fácil.*

*Para ler e escrever era necessário muito empenho pessoal e, além disso, podia ser caro.*



Muito bem, agora, tornemos estas letras todas maiúsculas e, depois, vamos juntar todas umas às outras, assim:

NANTIGUIDADEAESCRITAEALEITURANÃOERAALGOFÁCIL.  
PARALEREESCREVERERANECESSÁRIOMUITOEMPENHO  
PESSOALE,ALÉMDISSO,PODIASERCARO.

Agora vamos tirar as letras que estão juntas e se repetem. Tiremos também os pontos e abreviemos algumas palavras que podem ser reduzidas, por exemplo, as palavras “não”, “para”, “necessário”, “muito”. Além disso, quando três vogais se encontram podemos fazer delas uma só. Por exemplo, em “antiguidade a escrita” as letras “e”, “a” e “e” podem se unir e fazer, por exemplo, um “i”.

NANTIGUIDADISCRITILEITURANERALGOFÁCIL  
PLEREESCREVERERANCESSMTEMPENHOPESSOALILÉM  
DISSOPODIASERCARO

Para complicar mais era comum escrever nas folhas em colunas de onze letras, sem espaço. Ficaria mais ou menos assim:

NANTIGUIDAD ISCRITILEIT URANERALGOF ÁCILPLEREES CREVERERANC ESSMTEMPENH OPESSOALILÉ MDISSOPODIA SERCARO
---

Agora, imagine páginas e páginas com colunas assim escritas, geralmente sem uma letra que destacava o início, nem pontuação, com estas palavras juntas, muitas abreviadas, com letras também juntas e mudadas... Até para montar esta explicação é difícil, quanto mais para hoje lermos algo assim!

Compreende-se que a transmissão de um texto antigo, sua cópia, era uma tarefa complicada e trabalhosa. Neste processo aconteciam equívocos, erros, trocas. E as coisas podiam mudar se uma palavra mudava.

Por exemplo, na frase que inventamos para explicar o processo: “Na antiguidade a escrita e a leitura não era algo fácil.” Alguém deve ter notado um problema: “Na antiguidade a a escrita e a a leitura não **era** algo fácil.” Pode-se considerar separadamente as atividades: “a escrita não era algo fácil”; “a leitura não era algo fácil”. Pode ser assim: o sentido individual de cada atividade, seja a escrita, seja a leitura. Então o verbo conjugado, **era**, está no singular, pois refere-se a cada um em particular. Mas, sinceramente, não é uma boa frase como está escrita. Melhor seria: “Na antiguidade a escrita e a leitura não **eram** algo fácil.” Ainda não ficou bom, mas vamos continuar...

NANTIGUIDAD  
ISCRITILEIT  
URANERAMALG  
OFÁCILPLERE  
ESCREVERERA  
NCESSMTEMPE  
NHOPESSOALI  
LÉMDISSOPOD  
IASERCARO

Pois bem, vamos supor que um escriba\*, alguém que estava fazendo cópias do texto que inventamos, achasse também que o verbo "era" não estava bom (e de fato não está!), trocasse por "eram". Haveria uma mudança!

Para facilitar a nós colocamos as letras acrescentadas em **negrito**. Mas, vamos ainda mais longe! A frase seria assim: "Na antiguidade a escrita e a leitura não **eram** **algo fácil**." Ainda não está boa! Melhor seria deste jeito: "Na antiguidade a escrita e a leitura não **eram coisas fáceis**."

Observem que agora houve uma grande mudança. De "algo" passou para "coisas fáceis". E podia ser até de outro modo: "atividades fáceis", "coisas simples", etc. Vamos ficar com nossa primeira mudança: "Na antiguidade a escrita e a leitura não **eram coisas fáceis**." Fazendo o mesmo processo de letras maiúsculas, palavras juntas, abreviações e escrita em linhas com onze letras, teríamos isto ao lado:

NANTIGUIDAD  
ISCRITILEIT  
URANERAMCIS  
**ASFÁCIS**PLER  
EESCREVERER  
ANCESSMTEMP  
ENHOPESSOAL  
ILÉMDISSOPO  
DIASERCARO

Vejam que aqui nós colocamos em **negrito** e ainda sublinhamos as letras acrescentadas. Agora, suponha que um outro escriba, dezenas de anos depois destas mudanças, tenha nas mãos os três textos com estas pequenas mudanças. Ele veria isto:

NANTIGUIDAD  
ISCRITILEIT  
URANERAMALG  
OFÁCILPLERE  
ESCREVERERA  
NCESSMTEMPE  
NHOPESSOALI  
LÉMDISSOPOD  
IASERCARO

NANTIGUIDAD  
ISCRITILEIT  
URANERAMCIS  
ASFÁCISPLER  
EESCREVERER  
ANCESSMTEMP  
ENHOPESSOAL  
ILÉMDISSOPO  
DIASERCARO

NANTIGUIDAD  
ISCRITILEIT  
URANERALGOF  
ÁCILPLEREES  
CREVERERANC  
ESSMTEMPENH  
OPESSOALILÉ  
MDISSOPODIA  
SERCARO

Sinceramente! Não é fácil, para nós entendermos esta confusão! Mas era mais ou menos assim que um copista, que

devia multiplicar os textos copiando-os à mão, devia trabalhar. Ele via estes textos, lia e escolhia o que era melhor, o que parecia “menos errado”, o que tinha, aparentemente, mais lógica. Observe que você provavelmente está vendo este pequeno exemplo inventado por nós em um papel limpo, branco, sem rasuras. Imagine aquele escriba com um pergaminho usado, talvez com rasuras de uso.

Isto tudo é apenas um exemplo simples da complexidade que era a escrita e a cópia de textos na antiguidade. Observe que aqui, por mais complicado que seja, ainda estamos bem, pois conhecemos a língua que se usa, temos uma frase simples, podemos usar óculos se não enxergamos direito... Nos tempos das cópias manuscritas isso nem sempre era possível.

Desta forma, é até admirável que as variantes dos textos sejam tão poucas e até muito simples. Os copistas, escribas dos quais não sabemos sequer os nomes, foram grandes personagens. No silêncio de sua mesa de trabalho eles fizeram uma obra esplêndida, que merece toda a nossa consideração e gratidão. Sem eles nós não poderíamos estar estudando o Evangelho de Lucas nem quaisquer textos da Bíblia e de outros livros da antiguidade.

## 3. TEXTO ALEXANDRINO E TEXTO OCIDENTAL

**3.1. Dois textos para a “Obra de Lucas”.** Com relação à obra de Lucas ocorre uma coisa interessante: existem dois textos antigos que chegaram até nossos dias. Não se trata de variantes de um texto e de outro, mas de dois textos, quase completos, do Evangelho segundo Lucas e do Livro de Atos dos Apóstolos. Para compreender este fato curioso comentemos a questão das fontes, dos textos e das versões dos Livros do Novo Testamento.

**3.2. Tipos de testemunhos textuais.** Os textos antigos da Bíblia, seja do Antigo como do Novo Testamento, como já sabemos, são chamados de “testemunhos” e são divididos de acordo com a forma em que se apresentam.

**Códices:** São duas ou mais folhas de pergaminho dobradas no meio: elas formam páginas nas quais se escreve com uma ou duas colunas de texto. Depois estes grupos de duas ou mais

folhas dobradas são juntados a outros grupos iguais e forma-se o *códice* ou *codex* em latim. É a origem de nossos livros modernos. O nome original era, portanto, *códice*, ao passo que *livro* era o que hoje chamamos de *rolo*. Este formato de texto, o *códice*, é invenção cristã. Facilita o uso e o manuseio do material. Os códices podem ser de diversos tipos:

**Códice uncial:** São os códices escritos com letras que hoje chamamos maiúsculas.

**Códice minúsculo:** São os códices escritos com letras que hoje chamamos de minúsculas. Estas letras surgiram no século 4º ou 5º e facilitaram a escrita.

**Códice rescrito ou *rescriptus*** (em latim): São pergaminhos reaproveitados (reescritos). Um códice já escrito era raspado, novamente preparado e sobre sua superfície se escrevia novamente. Hoje pode-se ler o que foi escrito com uma técnica especial.

**Papiros:** São folhas de uma planta aquática. A polpa de seu caule era aberta, trabalhada e seca. Depois de alisada ela formava uma folha fina que era colocada em cima de outra, em várias camadas e deixadas para secar. Formava-se assim uma folha de escrita. Os papiros são estas folhas escritas. Em geral não são muito grandes. Alguns são até muito pequenos, apenas fragmentos.

De todos os textos antigos, completos ou não, até fragmentos, pedaços muito pequenos de pergaminho ou papiro, temos, do Novo Testamento, mais de três mil. Os mais importantes e que apresentam o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos, são estes:

- O *Códice Sinaítico*, representado pela letra **S**, do século 4º;
- O *Códice Vaticano*, representado pela letra **B**, do século 4º;
- O *Códice Alexandrino*, representado pela letra **A**, do século 5º;
- O *Códice Ephraemi Rescriptus*, representado pela letra **C**, do século 5º;
- O *Códice de Bezae Cantabrigiensis*, representado pela letra **D**, dos séculos 5º ou 6º;
- A tradução em latim chamada de *Vetus Latina*, do século 2º ao 4º;
- Os Papiros *P4*, *P45* e especialmente o *P75*, do século 3º;
- Os Papiros *P74*, do século 7º.

**3.3. Texto Alexandrino e Texto Ocidental.** Como já dissemos atrás, o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos chegaram até nós, por meio destes testemunhos escritos, em duas versões. Uma se chama de **Texto Alexandrino** e a outra de **Texto Ocidental**. Note que não são Evangelhos de Lucas ou Livros de Atos dos Apóstolos diferentes. São os mesmos livros, mas em versões diferentes.

As diferenças estão em palavras, alguns versículos e até mesmo em ideias teológicas. Vejamos os detalhes:

**[A]** O **Evangelho de Lucas**, na forma de **Texto Alexandrino**, está presente nos papiros *P4*, *P45* e *P75*. Está presente também nos grandes manuscritos do século 4<sup>o</sup>, que são o *Códice Sinaitico (A)* e o *Códice Vaticano (B)*. Já o mesmo Evangelho, na forma do **Texto Ocidental**, está presente no *Códice Bezae (D)*, dos séculos 5<sup>o</sup> ou 6<sup>o</sup> e no texto da importante *Vetus Latina*, do século 2<sup>o</sup> ao 4<sup>o</sup>.

**[B]** O Livro de **Atos dos Apóstolos**, na forma de **Texto Alexandrino**, está presente principalmente nos papiros *P45*, do século 3<sup>o</sup>, *P74*, do século 7<sup>o</sup> e pelos códices *Sinaitico (S)*, *Vaticano (B)*, ambos do século 4<sup>o</sup>, *Alexandrino (A)*, *Ephraemi Rescriptus (C)*, os dois do século 5<sup>o</sup> e em outros testemunhos menores. O mesmo livro de Atos dos Apóstolos, na forma de **Texto Ocidental**, encontra-se nestes testemunhos: Papiros *P38*, do século 4<sup>o</sup>, *P48*, do século 3<sup>o</sup>, no código *Bezae Cantabrigiensis (D)*, do século 5<sup>o</sup> ou 6<sup>o</sup>, e na *Vetus Latina*, que tem textos do século 2<sup>o</sup> ao 4<sup>o</sup>.

Mas, afinal... Qual a importância que tem isso? E o que isto significa?

Vejamos um pouco as diferenças entre o Texto Alexandrino e o Texto Ocidental.

**Texto Alexandrino:** É o texto mais utilizado na antiguidade e que serve de base para praticamente todas as traduções modernas do Evangelho de Lucas e de Atos dos Apóstolos. É o texto que, traduzido, nós temos em nossas Bíblias. Em relação ao Texto Ocidental ele exclui algumas frases.

**Texto Ocidental:** Ele tem uma linguagem, em alguns passos, muito simplificada. Alguns estudiosos afirmam que este testemunho é uma ampliação do Texto Alexandrino, com acréscimos para explicar melhor o texto e a história.

É certo que o Texto Ocidental apresenta mais complicações para o Livro de Atos dos Apóstolos. No Evangelho de Lucas as

dificuldades são poucas e iremos ver algumas a seguir. Mas em Atos dos Apóstolos o Texto Ocidental é um pouco maior que o Texto Alexandrino: são praticamente 400 acréscimos. O texto, aparentemente, corrige inexatidões, oferece detalhes pitorescos, faz referências a práticas litúrgicas, etc. Além disso, as figuras de Pedro e Paulo são muito mais valorizadas no Texto Ocidental. Por isso as traduções modernas de Atos dos Apóstolos seguem sempre, praticamente, o Texto Alexandrino.

**3.4. Alguns exemplos no Evangelho de Lucas:** A seguir encontramos algumas comparações entre o texto Alexandrino e o texto Ocidental. Em letras  *cursivas*  o texto normal, como encontramos na citada "A Bíblia de Jerusalém", Paulus Editora, edição de 2004. Em letras  *cursivas e sublinhadas*  os acréscimos que apresenta o Texto Ocidental. Note que alguns destes acréscimos não estão na maioria de nossas Bíblias, pois elas seguem o Texto Alexandrino. Alguns, porém, podem estar nas certas traduções, pois os tradutores optaram por acrescentá-los. Vamos indicar cada caso.

Primeiro, um texto em que Jesus repreende seus discípulos, em 9,55b-56a:

*Ele, porém, voltando-se, repreendeu-os.  
 E disse-lhes: não sabeis de que espirito sois.  
 Pois o Filho do Homem  
 não veio para perder a vida dos homens,  
 mas para salvá-la.  
 E partiram para outro povoado.*

Note-se que aqui foi acrescentada toda uma afirmação de Jesus, a respeito da própria situação de seus discípulos e de sua missão. O que está  sublinhado  é Texto Ocidental. Não está nas nossas Bíblias.

Outro exemplo, em 23,17. Vamos transcrever o versículo anterior e posterior: 23,16-18:

*Por isso eu vou soltá-lo, depois de o castigar.  
 Mas devia, por ocasião da festa,  
 soltar-lhes alguém.  
 Eles, porém, vociferaram todos juntos:...*

Aqui está todo um versículo, que é o 17, mas que não está na Bíblia de Jerusalém. Não está também na "Bíblia da CNBB".

Está traduzido, um pouco diferente, na “Bíblia Pastoral”. Encontra-se também, mas entre parênteses, na “Bíblia do Peregrino” e na “Bíblia Ave Maria”.

Há dúvidas sobre a autenticidade de alguns textos que chamam a atenção, como o consolo dado a Jesus por um anjo, durante sua agonia no Monte das Oliveiras, em 22,43–44. Mas a maioria das nossas Bíblias traduzem estes versículos. Em 23,34 Jesus afirma, orando, a respeito de seus executores: “*Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem!*” Estamos tão acostumados com esta frase no Evangelho de Lucas que nos surpreendemos que ela está no Texto Ocidental e não no Texto Alexandrino, e que por isso há muitas dúvidas a respeito de sua autenticidade.

**3.5. Alguns exemplos em Atos dos Apóstolos:** Seguiremos o texto de “A Bíblia de Jerusalém”, Paulus, edição de 2004. Da mesma forma, o texto bíblico está em  *cursivo*, e o acréscimo do Texto Ocidental, que não está traduzido, mas que aqui transcrevemos, está em  *cursivo e sublinhado*.

Em 8,36–38 não encontramos o versículo 37. Ele é suprimido pois no texto Ocidental ele é um acréscimo.

*Prosseguindo pelo caminho, chegaram aonde havia água.*

*Disse então o eunuco:*

*Eis a água. Que impede que eu seja batizado?”*

*Filipe disse: “Se crês de todo o coração, é possível”.*

*Ele respondeu: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”.*

*E mandou parar a carruagem.*

*Desceram ambos à água, Filipe e o eunuco.*

*E Filipe o batizou.*

Em 15,34 encontramos um acréscimo. Nossas Bíblias não traduzem o versículo 34, mas pulam do 33 para o 35. Vejamos a seqüência com o versículo 34:

*Passando algum tempo,*

*estes despediram-nos em paz,*

*de volta aos que os tinham enviado.*

*Mas Silas decidiu ficar lá. Judas partiu sozinho.*

*Paulo e Barnabé, porém, continuaram em Antioquia...*

Estes exemplos podem bastar. Sendo que estamos estudando o Evangelho de Lucas precisamos compreender estas coisas. Às vezes são cansativas e complicadas, mas fazem parte dos conhecimentos bíblicos.

# Segunda Parte O TEXTO DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Vimos no fascículo anterior os últimos capítulos do Evangelho segundo Lucas, os capítulos 22 a 24. Trata-se do texto em que o Querigma da Morte e Ressurreição de Jesus é evidenciado com força e decisão.

Agora iremos voltar quase todo o texto de Lucas e começaremos a investigar o **anúncio do Reino**, que é um longo conjunto de capítulos, especificamente os capítulos 4,14 a 21,38. Nesta unidade veremos os textos incluídos entre o capítulo 4,14 ao capítulo 6,49. Nas próximas unidades analisaremos os outros capítulos desta longa parte do Evangelho.

Tal como fizemos no fascículo anterior veremos os textos dividindo-o em **atos** e **cenias**. Cada ato tem várias cenias. Não é o único modo de dividir o texto para explicá-lo, mas é o que escolhemos e parece ser o mais oportuno. Este é um método, um jeito de conhecer melhor o texto, o seu movimento e os diversos sentidos teológicos que ele apresenta.

## 1º Ato JESUS, VINDO DA GALILEIA OS PRIMEIROS PASSOS Lucas 4,14–44

### 1ª Cena. 4,14–30 Em Nazaré, um anúncio profético

A primeira cena é interessante. Jesus “volta” para a Galileia. Esta “volta” dá a entender que ele estava em outro lugar. Se lermos as passagens anteriores veremos que Ele estava na região do rio Jordão (veja 4,1). Naquela região estava João, o batizador, que conhecemos como João Batista (veja 3,3).

**LEIA**  
**Lucas 4,14–30**



Note uma coisa interessante: não há, em Lucas, um relato de “batismo de Jesus”. Pelo menos do modo que há nos sinóticos, não o encontramos em Lucas! Curioso isto!

Esta ausência de um relato de batismo de Jesus por parte de João Batista é base para muitas considerações sobre estes dois personagens importantes. Iremos analisar mais a fundo esta questão quando estudarmos a primeira parte de Lucas, na Unidade 10 deste nosso Curso a Distância.

Jesus vai até Nazaré, ou Nazara, como também pode ser escrito e dito o nome da sua aldeia. Lucas informa que Jesus foi criado lá, o que já sabe quem leu 2,51, onde encontramos: *Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. (...) Em Nazaré ou Nazara Jesus vai até a Sinagoga no dia de Sábado e levanta-se para ler a Escritura.*

### SINAGOGA

Era e ainda é o lugar de orações dos judeus. Mas antes de ser “lugar” era o “grupo de pessoas”. Um grupo de pessoas, em geral no mínimo de dez, formava uma Sinagoga. Ocorreu com a Sinagoga o mesmo que ocorreu com a Igreja. Confundiu-se o nome do grupo com o nome do lugar onde o grupo se reunia.

As Sinagogas surgiram no Exílio da Babilônia, entre 587/6 a.C. e 520 a.C. Passaram a ter uma enorme importância depois do ano 70 d.C. e isto até hoje.

Na Sinagoga havia a leitura da Palavra: da Torah ou Pentateuco, dos Profetas e de algum outro livro. Cantavam-se os Salmos. Parece que, quando havia um visitante, ele era convidado a fazer uma leitura e até fazer uma pregação.

### SÁBADO

Era o dia mais importante da semana, pois era reservado ao Senhor, a Deus. Para isso, não eram permitidos quaisquer tipos de trabalhos.

Como lemos nesta passagem, até Jesus respeitava o Sábado. Mas lembrava que o Ser Humano é maior do que o Sábado.

O Sábado foi inventado também durante o Exílio da Babilônia. Era uma espécie de identidade cultural e religiosa do povo de Israel. E até hoje é assim. Os Cristãos transpuseram a importância do Sábado para o Domingo. Isto por causa da Ressurreição de Jesus. Assim o Dia do Senhor no Cristianismo é o Domingo.

Jesus então lê o texto de Isaías 61,1-2. Esta perícopé anuncia um tempo novo, especial. O tempo do Messias. É isso que Jesus anuncia, imediatamente depois da leitura. Ele afirma: *“Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”* (4,21). E todos ficavam admirados com tudo isso. Lucas afirma: *“Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca”* (4,22). Mas

não está muito claro o tipo de admiração! Pelo que se segue, parece que eles testemunhavam que Jesus estava, realmente, chamando a atenção pelas suas ações e palavras. E a admiração era pelo que Ele dizia. Não pelo conteúdo de suas palavras, mas pelo fato que Ele dizia coisas que não eram para ser ditas por Ele. Afinal, **quem era Jesus?**

É neste ponto que entra a afirmação: *E dizem: "Não é o filho de José?"* (4,22). A pergunta, feita em forma negativa, expressa um pouco da perplexidade dos ouvintes. Seria como dizer isso: "Como pode dizer estas coisas e ter esta fama? Ele é o filho de um simples homem que conhecemos tão bem! O filho de um homem simples só pode ser, também, simples. Não lhe deem atenção!"

Mas o questionamento continua. Parece que Jesus já tinha fama, já havia começado sua pregação e sua atuação. Por isso, Jesus recorda da passagem de 1 Reis, quando o profeta Elias socorreu uma viúva do exterior, mas não as de Israel. Depois ele continua citando o 2 Reis, com o profeta Eliseu, no socorro de Naamã, o sírio (estrangeiro). Note-se que Jesus usa a imagem de dois profetas famosos, talvez os mais famosos: Elias e Eliseu. E antes ele havia lido passagens de Isaías.

Embora Jesus tenha uma imagem de Messias, especialmente quando usa Isaías 61,1, que fala: *...porque ele me ungiu...*, Jesus se apresenta e se relaciona, muito mais intensamente, com a ideia e a imagem de Profeta.

O resultado disto tudo não é bom. Eles se revoltam com Jesus e o ameaçam de jogar pelo precipício que havia por perto. Jesus, contudo, passa pelo meio deles, e *...prosseguia seu caminho* (4,30). O início da missão pública de Jesus é apresentado,

#### JESUS, FILHO DE JOSÉ

Lemos em Lucas 4,22, em forma de pergunta que afirma, *"Não é o filho de José?"* Por detrás desta expressão está o **nome de Jesus**. Hoje, em boa parte do mundo, usa-se como identificação de uma pessoa o nome e um sobrenome. Na antiguidade, no povo de Jesus (e em outros povos também) nomeava-se uma pessoa assim: um **nome**, geralmente com algum significado específico, que dizia algo sobre a pessoa ou a realidade de onde ela vinha; seguia-se o **nome do pai**, que podia ser não o pai imediato, mas o avô ou um antepassado ilustre. Era o "nome de família" e podia ser o nome de uma pessoa.

*"Filho de José"* era, assim, o **nome de Jesus**. José era reconhecido, publicamente, como seu pai. E o era, de fato, pois havia dado o nome a Jesus, o que o fazia pai.

assim, como um fracasso e uma renúncia da parte de seus próprios patrícios. A frase que Jesus usa passa até a ser um ditado (quase uma espécie de axioma\*, uma ideia fundamental): “...*nenhum profeta é bem recebido em sua pátria!*” (4,24).

## 2ª Cena. 4,31–37

### Em Cafarnaum: um espírito impuro

Jesus vai a Cafarnaum, uma cidade importante na região do Mar da Galileia. Continuava a ensinar nos dias de Sábado. E sua fama crescia.

O texto cita o fato de um espírito impuro, na Sinagoga de Cafarnaum, abordar Jesus. O tal espírito impuro faz o que os conterrâneos de Jesus não fizeram: o declara “Santo de Deus”.

**LEIA**  
**Lucas 4,31–37**

Ora, Santo de Deus significa, na realidade, “Deus”, ou “Filho de Deus”. Esta é uma declaração forte, comprometedor. Para um fiel judeu dizer algo parecido era praticamente cometer uma ofensa grave a Deus, pois atribuía a uma pessoa a identidade divina. Um pecado, a não ser que a tal pessoa fosse, realmente, o Santo de Deus. E Jesus era o Santo de Deus! O espírito impuro, portanto, não errou.

O espírito impuro pergunta a Jesus: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos?” (4,34). Nesta pergunta o tal espírito define a missão de Jesus: a libertação dos oprimidos, como já vimos na palavra que o próprio Jesus usa, de Isaías 61,3: *...restituir a liberdade aos oprimidos...* Esta “liberdade aos oprimidos tem um sentido bem amplo, pois oprimidos podem ser de vários tipos.

Jesus, então, ordena ao espírito impuro que se cale e saia da pessoa (4,35), o que acontece imediatamente. A reação, entre todos que lá estavam, foi de medo. Lucas informa que eles perguntavam a si mesmos, perplexos: “*Que significa isso? Ele dá ordem com autoridade e poder aos espíritos impuros, e eles saem!*” (4,36). O resultado disto tudo é que a fama de Jesus cresce ainda mais. Mas levantam alguns questionamentos.

**[1] A opressão sobre o homem.** Jesus sabe que são muitas as realidades que oprimem o ser humano. A doença, as injustiças sociais, a fome, sistemas políticos, ditaduras... Isto é tudo pode ter causas humanas, como concentração de renda e

de poder. A desigualdade social é gritante em muitos lugares, de modo especial nos países emergentes, como o Brasil. Fala-se muito disto, mas não se busca superar a causa. Vai-se apenas aos efeitos, tentando, até com louvor, dar um pouco de dignidade para quem está na miséria. Mas os motivos disto tudo continuam existindo e fazendo-se notar.

Talvez o motivo fundamental seja o próprio ser humano, na sua ganância, no desejo de ver o mal do outro, a infelicidade de outras pessoas. Isto é, sem dúvida, um espírito mal. Como é possível, em nome de uma ideologia política, ver milhares, senão milhões de pessoas, sofrendo? Como é possível conviver com a desigualdade brutal entre muito, muito ricos, e muito, muito pobres?

Estas coisas sempre existiram, não somos nós que a inventamos. Mas é certo que, foi no último século, o tempo da tecnologia, da ciência e do desenvolvimento, que os sistemas políticos fascistas, ateus, fizeram o maior estrago. Milhões de pessoas, não apenas soldados, mas civis, morreram nas duas grandes guerras. Milhões de pessoas morreram na Espanha franquista, na China maoísta, no Camboja dominado pelo Khmer Vermelho, comunista. Quando tudo isso parecia superado, a ingenuidade desta expectativa foi brutalmente frustrada pelo ataque às torres gêmeas do *World Trade Center*, em New York, no início do século 21. Às opressões de índole política somam-se, agora, as opressões de fundo religioso. Em nome de Deus se mata! Leva-se o sofrimento a milhares, milhões. Isto também não é invenção nossa, infelizmente.

Isto tudo faz mal ao homem. Oprime o homem. E é mais fundamental: um marido que, embriagado, chega em casa e agride a esposa, é sinal do mal que existe entre nós e não apenas ronda ao redor, como diz a primeira carta de São Pedro, capítulo 5, versículos 8 e 9. Ele está em nós. O mal, a ausência do Bem, está dentro do ser humano como uma possibilidade assustadora.

Ora, Jesus veio libertar disto tudo e por isso Ele limpa o homem de do que o oprime. Se são seus sentimentos, Ele limpa os sentimentos; se são sistemas políticos, Ele veio com a proposta de amor, de perdão aos inimigos; se são guerras, Ele veio com a proposta da paz que não é apenas uma ideia bonita, mas uma postura de vida.

**[2] O mal que Jesus tira do homem.** Jesus liberta uma pessoa com um espírito impuro, que em outros lugares pode ser chamado de "demônio". Isto nos leva a perguntar: Jesus era

exorcista? A resposta é óbvia: sim! Mas, o que Ele tirava, do que Ele libertava? Podemos também responder: o demônio, o espírito impuro. E as perguntas continuam: E o que é isto, demônio e espírito impuro? É aqui que as coisas complicam.

A ideia de demônio ou espírito impuro, ou mal (vamos chamar aqui, para simplificar, de “demônio”) é um pouco confusa. E fica mais confusa ainda quando se tenta ver no texto antigo dos Evangelhos e das Escrituras a realidade de agora. São coisas diferentes.

É fácil constatar que, quanto mais longe da informação, mais envolta em superstições uma pessoa pode ser. Até quem é bem informado pode deixar-se levar por pensamentos ligados a feitiços, demônios, simpatias e coisas do gênero.

Na antiguidade, como ainda hoje, quando algo não tem explicação, é explicado de modo mágico ou mítico. Deus e o demônio dividem a possibilidade de explicação do que atinge o ser humano. Por exemplo: uma doença de pele, um furúnculo, é algo com causa aparentemente visível: uma sujeira, um inseto, etc. Não tem uma causa sobrenatural. Mas, a pessoa está bem, normal. Subitamente estremece, grita, cai no chão... Sem motivo aparente. Só pode ser, para quem não conhece doenças psíquicas, um demônio.

Aqui estamos simplificando bastante. Mas o raciocínio é este mesmo. O que se explica, não tem problema: é da natureza. O que não se explica, é sobrenatural. Ou vem de Deus ou vem do demônio.

Com isso não estamos negando a existência do mal enquanto uma entidade, um ser. É difícil pensar que toda a maldade humana seja, simplesmente, do coração humano. Mas recordemos uma palavra do Evangelho que encontramos somente em Marcos:

*“O que sai do homem, é isso que o torna impuro. Com efeito, é de dentro, do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassinios, adultérios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. Todas essas coisas más saem de dentro do homem e o tornam impuro”* (Marcos 7,21-23).

Se considerarmos estes versículos não podemos atribuir o mal a algo ou alguém fora do ser humano. Mas é um assunto complicado este e não é aqui que devemos considera-lo profundamente. Fique, então, esta ideia: o mal é parte do mistério do próprio ser humano. É preciso aprender a conviver com isto. E

Jesus veio libertar o homem de todo mal, seja um mal fora dele, mas que o toma e domina, seja um mal dentro dele, próprio de sua natureza.

### 3ª Cena. 4,38–44

## Três momentos: a sogra de Simão, um sumário e a Boa Nova a todos

Aqui encontramos três textos diferentes entre si, mas que foram colocados em sequência. Parece que é a sequência do texto anterior, quando Jesus expulsa um espírito impuro. O fato aconteceu na sinagoga de Cafarnaum.

**LEIA**  
**Lucas 4,38–44**

**[1] Cura da sogra de Simão.** Em 4,38–39 Jesus sai da sinagoga e, parece que imediatamente, vai até a casa de Simão. Lá estava a sogra deste. O Evangelho informa que a pobre mulher estava com febre alta. Esta informação é próprio de Lucas. Nos demais sinóticos é um pouco diferente. Em Marcos 1,30 e Mateus 8,14 a senhora estava com febre, simplesmente. Aqui em Lucas ela está com “febre alta”. Seria isto um modo de ver de um médico? Se seguimos a tradição que afirmar ser Lucas um médico, então para ele tem sentido um diagnóstico de “febre alta”, ao invés de uma simples “febre”.

De qualquer forma a sogra de Simão é curada e se põe a servir a Jesus (4,39).

**[2] Sumário.** Em 4,40–41 encontramos um sumário. Pelo que lemos nas unidades anteriores já sabemos o que é um sumário. Ele reúne, em poucas linhas, vários fatos, com circunstâncias e situações muito diferentes entre si.

São elencados: curas de males diversos (versículo 40), endemoniados (versículo 41). E os tais endemoniados, quando libertados, ou quando o demônio saía, declaravam, sobre Jesus: “*Tu és o Filho de Deus!*” Novamente algo parecido com a segunda cena aconteceu: um endemoniado ou possuído por um espírito impuro declara a divindade de Jesus.

**[3] A Boa Nova do Reino.** Finalmente, a terceira parte desta cena, um quase sumário, em que são apresentados alguns elementos que têm por centro a pregação do Reino de Deus.

### REINO DE DEUS

É o modo de falar de Lucas. Mateus cita “Reino dos Céus”, pois tendo como primeiros leitores\* os judeus, falar em Reino de Deus seria inconveniente para Mateus. Ele diz então “Reino dos Céus”, sendo “céus” um substitutivo para Deus.

Quando Lucas fala de Reino de Deus não fala de algo além da história. Não se trata de algo após a morte. Trata-se de uma nova ordem pessoal, social, histórica. É a proposta de um mundo renovado. Mas terá sua plenitude somente em um mundo diferente deste. Se é “no céu”, é difícil saber. Mas que é além da história, sim. E como tal, é uma conquista que exige. E é o que Jesus propõe.

O texto prepara o leitor para os momentos seguintes, que compõem o segundo ato, no qual as ações de Jesus são dirigidas ao seu “programa”: a pregação do Reino de Deus.

Um detalhe, contudo, que pode passar despercebido à maioria dos leitores, é interessante. O versículo 44 afirma: *E pregava pelas sinagogas da Judeia*. Ocorre que Jesus não estava na Judeia, mas sim da Galileia. Não são, em absoluto, a mesma coisa. Ou Lucas está considerando, de modo um tanto equivocado, a Judeia como o território dos judeus, ou cometeu um erro geográfico. Ficamos com a segunda possibilidade.

## 2º Ato

# JESUS, VINDO DA GALILEIA: OS PRIMEIROS PASSOS

### Lucas 5,1—6,19

#### 1ª Cena. 5,1–11

### Os primeiros discípulos

O segundo ato inicia com a escolha dos primeiros discípulos. É estranho entender que isto aconteça somente depois de alguns episódios importantes, que compõem o primeiro ato. A cura da sogra de Simão deixa margem à dúvida, pois se Simão, ou Pedro, já estava seguindo a Jesus, então havia sido chamado anteriormente.

**LEIA**  
**Lucas 5,1–11**

Parece que, aqui como em outros lugares, Lucas, embora tenha se empenhado tanto em escrever *...de modo ordenado...* (Lucas 1,3), como ele mesmo afirma no prólogo, cometeu deslizes.

Ou pode ser que o “modo ordenado” que Lucas impõe à sua obra pode ser não exatamente cronológico, mas com a construção dos personagens. De fato, até agora os discípulos não precisavam entrar em cena. E não são citados. Mas a partir de agora, com a pregação do Reino de Deus mais intensa, eles são necessário: e por isso devem ser apresentados. É o que esta cena propõe.

#### SIMÃO: PESCADOR, APÓSTOLO

É interessante pensar na aventura que Simão iniciava naquele momento. Deixando tudo, ele passou a ter mais do que tudo. O rompimento com sua própria história fez com que Simão, que conhecemos como Pedro, iniciasse uma nova história, da qual nós também fazemos parte: o Cristianismo.

Poderia ele imaginar que, sendo antes um humilde pescador da Galileia, ele seria, em alguns anos, líder de uma comunidade com gente das mais diversas origens, no centro do mundo da época, a cidade de Roma? Falando uma outra língua, tendo uma autoridade enorme e testemunhando com seu sangue o amor que havia recebido daquele homem arrebatador: Jesus, naquele dia, às margens do Lago de Genesaré!

Jesus, no meio de uma pregação às margens do Lago de Genesaré, também chamado de Mar de Tiberíades ou Mar da Galileia, sobe em um barco de pescadores.



O barco era de Simão. Do barco, um pouco afastado da margem, Jesus faz a pregação.

Depois disto, Jesus pede a Simão que se lance ao largo, isto é, vá para mais dentro do lago para pescar. A isto, Simão reage dizendo que trabalharam toda a noite e nada haviam pescado. Contudo, porque Jesus havia pedido, eles lançariam as redes. Foi então que a pesca ultrapassou todos os limites.

Foram necessários outros barcos, inclusive dos sócios de Simão, Tiago e João, filhos de um tal Zebedeu. Simão ficou tão impressionado que declarou a Jesus: "*Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!*" Parece que Simão, bem como os outros notaram que Jesus havia se sobreposto à natureza. Eles têm medo.

Jesus os acalma e a Simão afirma que ele será pescador de homens. O último versículo desta cena é significativo: *Então, reconduzindo os barcos à terra e deixando tudo, eles o seguiram.*

## 2ª Cena. 5,12–16

### O leproso

Temos aqui uma cena interessante. Um leproso vai até Jesus. Na sua frente, afirma: "*Se queres, tens o poder de purificar-me!*" (versículo 12). Abordagem absolutamente direta que gera uma resposta também direta e imediata: "*Eu quero. Sê purificado!*" (versículo 13). E o homem ficou livre da lepra.

**LEIA**  
**Lucas 5,12–16**

O que é interessante aqui é que Jesus ordena que o ex leproso vá ao sacerdote para oferecer algo por sua purificação. De fato, a lepra não era considerada simplesmente uma doença, mas sim uma impureza. Como tal, devia ser não "curada", mas "limpa". E isto implicava, depois da limpeza, um sacrifício de gratidão, feito pelos sacerdotes de Jerusalém. Encontramos estas normas no Livro do Levítico 14,1–32.

Mas não podemos deixar de perceber que o leproso, um pária\* da sociedade (isto é, um excluído da convivência social) teve uma coragem enorme em aproximar-se de Jesus. Isto já é um rompimento de barreiras proposto por Jesus.

### 3ª Cena. 5,17–26

## O paralítico e a rejeição dos doutores e fariseus

Temos aqui uma cena com dupla intenção. Primeira intenção: demonstrar o poder de Jesus sobre as doenças. Segunda intenção: apresentar o primeiro desencontro entre as autoridades religiosas judaicas e Jesus.

Jesus está fazendo sua pregação e no meio dos ouvintes estão algumas pessoas importantes: fariseus e doutores da Lei. Eles representavam o que de mais marcante havia na sociedade judaica do

tempo de Jesus: a busca em viver, com fidelidade, os mandamentos de Deus. Mas talvez faltasse a eles algo importante, que Jesus dará a conhecer: a compaixão, a misericórdia.

**LEIA**  
**Lucas 5,17–26**

#### TELHAS OU TERRAÇO?

Outro ponto interessante a ser considerado no texto de Lucas. Na Galileia, como em geral na Palestina, o mais comum não eram as casas com telhas, mas sim com terraços. Devido às poucas chuvas, não havia necessidade de telhas. Parece que Lucas imagina a casa onde o fato do paralítico aconteceu uma casa romana ou grega.

Jesus está sendo conhecido pela sua ação de taumaturgo\* em relação aos enfermos. Ação taumatúrgica significa cura. Ele curava doentes (versículo 19).

No meio da pregação, chegam alguns homens carregando um paralítico. Mas não conseguem entrar onde está Jesus. Por isso, tiram as telhas

e introduzem o paralítico pela abertura. Isto deve ter chamado muito a atenção de todos, até assustado. E, sinceramente, pode ter sido até algo cômico. De qualquer forma, o paralítico agora está perante Jesus.

Jesus, curiosamente, acolhendo o homem, afirma: "*Homem, teus pecados estão perdoados!*" (versículo 20). Isto causa espanto e até algum tipo de revolta nos fariseus e doutores da Lei. De fato, perdoar pecados era uma prerrogativa divina. Deus o podia fazer, não simples homens. E Jesus em tudo parecia, ao menos para aqueles fariseus e doutores da Lei, um simples homem.

Jesus percebe o que estão pensando e pergunta: o que seria mais fácil, perdoar os pecados ou dar a cura a um paralítico? Ele então, seguramente para provar que podia perdoar pecados, realiza a cura do paralítico, que sai andando, com a maca

**POR QUE O PERDÃO  
DO PARALÍTICO?**

É estranho o fato de Jesus perdoar um paralítico, ao invés de cura-lo de imediato, mas apenas depois. O problema pode ser o senso comum, também da parte do paralítico, que a doença podia ser causada pelo pecado. Então Jesus corresponderia a isto perdoando a causa da doença. Visto desta forma, parece ser clara a situação.

Não parece que o paralítico tivesse teríveis pecados escondidos que somente Jesus soubesse... Isto seria fantasia.

que antes lhe servia de cama e transporte. O resultado disto é que todos ficaram espantados com o fato. O texto diz que são "coisas estranhas" (cf. 5,26).

Ainda não ficou bem definida, contudo, a reação dos doutores da Lei e dos fariseus. Talvez eles tenham decidido observar com mais atenção este Jesus.

**4ª Cena. 5,27–32**  
**O Chamado de Levi e**  
**o murmúrio dos fariseus e escribas**

Depois do perdão ao paralítico e de sua cura, ato contínuo, Jesus viu, sentado, no banco dos coletores de impostos, um sujeito chamado Levi. E Jesus o chama. Levi se levanta e segue Jesus.

**LEIA**  
**Lucas 5,27–32**

O simples fato de Jesus chamar um cobrador de impostos é já um problema. Já podemos notar que Jesus está reunindo problemas ao seu redor. Chama pescadores, gente simples, sem boa reputação; atribui a si o poder de perdoar pecados; agora chama um cobrador de impostos! Neste último caso é como chamar para o grupo um corrupto assumido.

E, como se não bastasse, aceita um jantar na casa do recém chamado Levi. Senta-se à mesa com ele e com outros cobradores de impostos. Sentar-se à mesa significa partilhar a intimidade, um mesmo ideal de vida, uma identidade. É algo sério no Oriente. E Jesus o faz com pessoas no mínimo duvidosas, perigosas.

A reação dos fariseus e escribas é compreensível. Eles perguntam aos discípulos de Jesus, os quais ainda não conhecemos, senão a Simão, que é Pedro, e João e Tiago, por que eles comem

### LEVI E MATEUS

Em Lucas e Marcos, o cobrador de impostos chamado por Jesus chama-se Levi (veja em Marcos 2,14). Em Mateus 9,9 ele é chamado de Mateus. Depois, na lista dos discípulos de Jesus, não encontramos nenhum Levi. Veja Mateus 10,2-4; Marcos 3,16-19; Lucas 6,12-16; Atos dos Apóstolos 1,13-14. É interessante também que somente na lista de discípulos mais próximos de Jesus em Mateus é que o discípulo Mateus é chamado de publicano.

O que podemos dizer é que, embora seja valorizado pela narrativa dos Evangelhos, o discípulo Mateus ou Levi, como a maioria dos personagens bíblicos, são valorizados no que diz respeito à sua adesão ao Mistério de Jesus ou à missão divina. Isto não é um romance que os personagens têm suas histórias, mas sim um anúncio e uma catequese da compaixão e misericórdia de Deus.

e bebem com os pecadores. De fato, isto é como partilhar do pecado, pois é entrar em intimidade de vida.

A resposta de Jesus explica suas ações e a perspectiva de sua pregação: *Jesus, tomando a palavra, disse-lhes: "Os não têm necessidade de médico, e sim os doentes. Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento."* (5,32).

Esta resposta é significativa, pois aponta para onde Jesus está caminhando: Ele deseja propor um Reino de Deus

além das convenções humanas e mesmo além dos costumes judaicos. É algo que se baseia nele mesmo, em sua visão de mundo e de ser humano, bem como de Deus.

Não é algo fácil, porém. Sim, pois muitos pensam que a mensagem de Jesus não implica em renúncias, em decisões difíceis. Até em sacrifícios! Mas surpreende, pois origina o que chamaremos de compaixão, de misericórdia.

## 5ª Cena. 5,33-39

### A questão do jejum e o vinho novo

Temos aqui uma perícopes interessante, com dois focos que, aparentemente, não combinam. Primeiro a questão do jejum dos discípulos de Jesus e, a seguir, o vinho novo. Vejamos.

**[1] O jejum.** A questão do jejum é um pouco enigmática. Durante a refeição na casa de Levi algumas pessoas questionam Jesus a respeito do jejum. Fazem uma comparação com os discípulos de João Batista. Eles jejuavam com frequência e faziam orações. Também os discípulos dos

**LEIA**  
**Lucas 5,33-39**

fariseus. Mas, segundo os críticos de Jesus, os seus discípulos não! Como explicar isto?

A explicação de Jesus é metafórica, isto é, lança mão de uma imagem conhecida no Antigo Testamento: o matrimônio. A relação de Deus com o seu povo é como uma relação matrimonial: de intimidade, de confiança e de vida. E para tanto Jesus cita os amigos do noivo e o próprio noivo. Trata-se dele mesmo, o noivo, e os amigos do noivo são seus discípulos. Se não é para fazer jejum enquanto o noivo está com os amigos, na festa, assim também não é para jejuar enquanto Jesus estiver com seus discípulos (5,34). Quando o noivo for tirado da festa, do convívio

com seus amigos ou discípulos no caso de Jesus, então haverá ocasião para o jejum.

A dificuldade aqui está em entender se Jesus, quando fala do noivo que é tirado do convívio dos amigos, refere-se a Ele nos dias de sua futura sepultura ou se é uma referência à situação da comunidade de discípulos, a Igreja.

De qualquer forma, Jesus indica que o jejum será necessário quando o noivo não estiver com os amigos. E vai mais além quando introduz a palavra sobre

a novidade de sua mensagem, que é o tema da outra metáfora desta perícopa: o pano novo em roupa velha ou vinho novo em odres velhos.

**[2] O vinho novo.** Jesus inicia uma comparação curiosa. Ele coloca em paralelo uma roupa velha e odres, isto é, barris, velhos (versículos 36–37). A roupa velha não pode ser remendada com um pano novo, nem nos barris novos pode-se pôr vinho novo. Roupa e barris se perdem e o pano novo e o vinho, também novo, também são perdidos.

#### JOÃO BATISTA EM LUCAS

Pode até não parecer, mas existe certa tensão entre os discípulos de João e os discípulos de Jesus. Isto pode ser notado em algumas ocasiões, como nesta, em que os discípulos de João parecem ser gente comportada, e os de Jesus parecem ser mais “festeiros”.

Lucas provavelmente põe em evidência, ainda que de modo simplificado, os possíveis desencontros que existiam entre os primeiros cristãos e os batistas, discípulos de João Batista.

#### A NOVIDADE DO REINO

Jesus propõe a novidade do Reino de Deus, aberto a todos, dependente da aceitação de seu Mistério. Lucas chama isto de “vinho novo” e indica que o vinho novo é melhor do que o vinho velho. Estará ele afirmando que a vida cristã é melhor que a vida do Judaísmo? Talvez. Mas isto deve ser entendido dentro dos grandes desencontros com o Judaísmo antigo. Hoje o diálogo entre Cristãos e Judeus deve basear-se na confiança, no respeito e na aceitação dos princípios fundamentais de ambos.

Parece que Jesus está sugerindo que, para ouvir sua mensagem, é necessário ter um entendimento novo, um modo de ver, de sentir, de viver diferente. Isto é bem compreensível se considerarmos que Lucas, como diz a tradição, foi discípulo de Paulo. E este Apóstolo teve grandes problemas com o Judaísmo que não aceitava a mensagem de Jesus, não o reconhecendo como Messias, isto é, como Cristo. Eles eram a roupa nova que precisava de um remendo, mas que não

aceitava o novo de Jesus. Eram os barris ou odres que não aceitavam o vinho que era o próprio Jesus.

A palavra de Jesus tornou-se símbolo de renovação: “*Coloque-se, antes, vinho novo em odres novos!*” (versículo 38).

## 6ª Cena. 6,1–5 O debate do Sábado [1]

A cena aqui é introdutória ao tema do Sábado. Já houve um problema relativo à sua observância, em 4,14–30, quando Jesus está na Sinagoga de Nazaré. Agora Jesus é questionado, claramente, sobre uma ação de seus discípulos: eles passavam por uma plantação e, certamente com fome, tomavam algumas espigas e as comiam. Trata-se de espigas de trigo ou cevada, com grãos tenros e digeríveis.

**LEIA**  
**Lucas 6,1–5**

O problema é que eles fizeram isto em um Sábado, dia no qual é proibido pela lei judaica, o trabalho. E colher espigas para comer é trabalho, portanto proibido.

Jesus foi questionado, então, pelos fariseus, quando à ação de seus discípulos. Não sobre o fato de pegarem espigas de um campo que não lhes pertencia, mas pelo fato de pegar espigas no Sábado.

A resposta de Jesus é dupla. Primeiro Ele cita um episódio de menor importância no Antigo Testamento, em 1 Samuel 21,7. Neste texto Davi recebe, do sacerdote Aquimelec, pães consagrados para Deus, da Tenda da Aliança. Eram pães reservados para o culto a Deus, mas que foram dados a Davi pois ele e seus homens necessitavam. Estavam famintos!

O resultado disto é facilmente compreensível: o ser humano precisa ser socorrido em suas necessidades. É esta a vontade de Deus. É esta a finalização desta perícope, quando Jesus afirma: "*O Filho do Homem é senhor do sábado!*" (versículo 5). Trata-se dele mesmo, Jesus, auto apelidado aqui de "Filho do Homem", que é um modo enigmático de referir-se ao Cristo, ao Messias esperado.

Os leitores originais de Lucas deviam entender assim: O "Filho do Homem", que é Jesus, é senhor, isto é, superior ao Sábado, que é o dia reservado para Deus. Então Ele próprio é Deus. E determina que as necessidades do ser humano estão acima da instituição do Sábado.

Note que Jesus não nega, em absoluto, o Sábado e o seu valor. Mas o relativiza, isto é, coloca abaixo do ser humano.

## **7ª Cena. 6,7–11**

### **A cura de um enfermo.**

### **O debate do Sábado [2]**

A cena aqui continua o tema do Sábado. Já houve menção a ele em 4,14–30, quando Lucas passa à pregação de Jesus, iniciando em Nazaré; depois, na perícope seguinte, 4,31–37, quando Jesus, na Sinagoga de Cafarnaum, liberta um homem possuído por um espírito impuro. O fato seguinte foi

**LEIA**  
**Lucas 6,7–11**

a última perícope, quando Jesus é questionado sobre uma atitude de seus discípulos.

Agora Jesus está, novamente, em uma Sinagoga. E é Sábado. Um homem com a mão direita atrofiada estava por lá. Curiosamente os outros Sinóticos não apresentam esta informação tão precisa: mão direita atrofiada. Em Mateus 12,10 lemos: *Ora, ali estava um homem com a mão atrofiada. (...) Em Marcos 3,1 encontramos: E entrou de novo na Sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada.* A indicação de qual das

mãos estava atrofiada parece ser um sinal da necessidade de precisão em detalhes físicos, próprio de um médico.

A cura que Jesus realiza no homem parece ter um motivo além de si mesmo. Lucas informa que os escribas e os fariseus o observavam para ver se Ele curava (versículo 7). O motivo era para acusa-lo de desrespeitar o Sábado. Então Jesus, na observação de Lucas, percebe seus pensamentos e, por isso mesmo, chama o homem com o problema físico no meio, para ser visível. Mas o que Ele desejava, certamente, é tornar visível a insensatez dos escribas e fariseus. Por isso Jesus lhes pergunta: *"Eu vos pergunto se, no Sábado, é permitido fazer o bem ou o mal, salvar uma vida ou arruína-la"* (versículo 9). A reação entre todos, ao que parece, foi de silêncio. Lucas diz que Jesus correu os olhos por todos (cf. versículo 10). Pediu ao homem que estendesse a mão e ela estava curada.

O que deveria produzir admiração e esperança da parte de todos, na realidade criou uma reação de medo e defesa. Diz o versículo 11: *Eles, porém, se enfureceram e combinavam o que fariam a Jesus.*

O motivo do Sábado era muito forte e importante entre os Judeus. Tratava-se da sua própria identidade. Jesus não questiona isto, mas sim a necessidade do homem, daquele que está ao seu alcance.

Este problema voltará outras vezes e não terá solução.

## 8ª Cena. 6,12–16

### Os Doze

Finalmente Lucas apresenta a lista dos Doze Apóstolos. Jesus os escolheu depois de uma noite em oração, em uma montanha. Escolheu doze dentre os discípulos e os chamou de "Apóstolos", o que significa "enviados". Este número, doze, é uma menção às tribos de Israel, que compõem o Povo da Aliança. É portanto um número significativo, simbólico. O grupo dos Doze, agora núcleo do Reino de Deus, está em continuidade com Israel, escolhido por Deus.

**LEIA**  
**Lucas 6,12–16**

A tradição é unânime em identificar estes Doze. Este é um dos pontos mais seguros dos Evangelhos e de Atos dos Apóstolos. Não se sabe muito sobre



cada um deles; aliás, sabe-se muito pouco ou mesmo nada. Com poucas exceções os membros destes Doze não foram evidenciados.

**[1] Simão**, chamado Pedro: Sabe-se que era generoso, imediato, espontâneo (Lucas 22,33). Foi o líder do grupo dos Doze (Mateus 16,16–19; Atos dos Apóstolos 1,13.15; 2,15). A Igreja Católica reconhece o Bispo de Roma, chamado Papa, como seu sucessor. Foi o que abriu a Comunidade dos Cristãos, a Igreja, aos pagãos, antes de Paulo iniciar sua missão entre eles (Atos dos Apóstolos 10,1–48). Simão deve ter evangelizado muitas cidades da Ásia Menor (atual Turquia), da Macedônia e outros lugares. A mais antiga tradição afirma que ele foi o líder da Igreja em Roma e lá, pelo ano 64, sob a perseguição de Nero, teria sido crucificado de cabeça para baixo, junto a centenas de outros cristãos condenados pelo seguimento de Jesus Cristo.

**[2] André**, irmão de Simão: Sabe-se pouco, quase nada a seu respeito. A tradição oriental indica que ele evangelizou o leste da Europa. As Igrejas Orientais, Ortodoxas, reconhecem em André sua referência fundamental.

**[3] Tiago**, irmão de João: Era, junto com seu irmão João, um homem exigente e até arrogante (Lucas 9,54; Marcos 10,35–40). Pouco se sabe sobre ele além do que diz os Evangelhos Segundo Atos, ele foi martirizado no contexto de uma perseguição de Herodes (Atos 12,1–2). Não deve ser confundido com o Tiago que foi líder da Igreja em Jerusalém e que Paulo cita em 1 Coríntios 15,7.

**[4] João**. Junto com Pedro e Tiago é um dos três que acompanham Jesus em momentos decisivos: a transfiguração (Lucas 9,28–36) e a agonia no Horto das Oliveiras (Mateus 26,37). A ele é atribuído o Evangelho segundo João. Neste Evangelho ele é, segundo alguns, o famoso “discípulo amado”. Mas não há certeza, em absoluto, neste ponto. Segundo antiquíssima tradição ele teria acolhido Maria, Mãe de Jesus, depois de sua Ressurreição, cumprindo a ordem de Jesus em tê-la como Mãe e ser por ela acolhido como filho (João 19,25–26). João teria evangelizado em muitas cidades, inclusive Roma, onde teria sido perseguido também. Parece que foi o mais longo dos Doze, morrendo no final do primeiro século, praticamente centenário. A tradição indica Éfeso, na Ásia Menor, como lugar de sua morte e sepultura.

**[5] Filipe**. Nada sabemos sobre ele. Não confundir com o Filipe diácono (Atos 6,5), que evangeliza na Samaria (Atos 8,5),

segundo Atos dos Apóstolos, indo até Cesareia (Atos 8,40). No Evangelho segundo João, no logo início, Jesus chama pessoalmente a Filipe (João 1,43–44), que por sua vez chama Natanael, conhecido também como Bartolomeu. Mas um pequeno episódio em João, no contexto da despedida de Jesus com os discípulos, indica que Filipe não havia ainda entendido muito as palavras de Jesus (João 14,8–10).

**[6] Bartolomeu**, que no Evangelho segundo João é Natanael (João 1,45–51): Nada sabemos sobre ele. Em João ele se admira com o conhecimento de Jesus a seu respeito (1,49).

**[7] Mateus**. O cobrador de impostos (Mateus 9,9; Marcos 2,13–14; Lucas 5,27–28), do qual nada mais sabemos. A tradição antiga indica que ele escreveu o Evangelho que leva seu nome. Podemos pensar em um grupo cristão que produziu o Evangelho e que via em Mateus sua referência.

**[8] Tomé**. O que “precisava ver para crer”, segundo João 20,24–28. Na ocasião em que Jesus se revela ressuscitado pela segunda vez, no mesmo Evangelho segundo João, Tomé, então presente, faz a declaração que todos esperavam: “*Meu Senhor e meu Deus!*” (João 20,48). Ele também, no contexto da despedida com os discípulos, questiona Jesus sobre o caminho; segundo ele, os discípulos não o conheciam. Mas Jesus lhe responde: “*Eu sou o Caminho, a Verdade a Vida*” (João 14,6). A Igreja da região da Índia se reconhece como fundada por Tomé.

**[9] Tiago**, filho de Alfeu. Nada se sabe a respeito deste Tiago. Também ele não deve ser confundido com o Tiago, líder da Igreja de Jerusalém no tempo da Assembleia de Jerusalém, em Atos 15,1–35).

**[10] Simão**, Zelota. Nada se sabe a seu respeito. O adjetivo “zelota” ou, em algumas traduções “zelote”, faz menção ao partido dos zelotas, que eram inconformados com o domínio romano e predispostos à revolta armada.

**[11] Judas**, filho de Tiago. Nada se sabe a seu respeito. Não é possível identificar este Judas com o escritor da Carta de Judas, um dos mais desconhecidos escritos do Novo Testamento.

**[12] Judas Iscariot**, ou Iscariotes o traidor. Também desconhecido, mas muito comentado, pois foi o traidor do Mestre. Muitas tentativas já foram feitas para compreendê-lo e até inocentá-lo. Mas normalmente são fantasias.

## 9ª Cena. 6,17–19

### Multidões também da Judeia e do exterior

Esta perícope é praticamente um sumário\* pois indica fatos sem desenvolvê-los. Mas tem alguns elementos importantes a ser considerados. Primeiro, o fato que vão até Jesus pessoas de Jerusalém e da Judeia, para onde Ele está se encaminhando.

**LEIA**  
**Lucas 6,17–19**

Também pessoas do litoral de Tiro e Sidônia, que são estrangeiros. Então Jesus está atraindo gente de longe!

Depois, o texto indica que as ações de Jesus continuam: cura de doentes e libertação de atormentados.

Finalmente, a constatação de Lucas: *E toda multidão procurava tocá-lo, porque dele saía uma força que a todos curava* (Lucas 8,19).

Terminamos aqui o segundo ato, no qual Jesus está ainda criando certa estrutura em torno a si. Agora Ele decididamente se apresenta, propondo cada vez mais claramente seu Evangelho.

# 3º Ato

## AS PROPOSTAS CENTRAIS DE JESUS

### Lucas 6,20–49

Este Ato é composto por parte de um único capítulo, o que pode parecer pouco. Mas trata-se de uma sequência importante de Lucas. Ela faz a ligação com o Ato seguinte, no qual são apresentados diversos episódios relativos ao ministério de Jesus e seu convívio com os Apóstolos.

Estes versículos 20 a 49 do capítulo sexto compõem o que, no texto de Mateus, é conhecido como “Sermão da Montanha”. Aqui não há uma montanha na qual Jesus sobe, e o conteúdo é mais resumido ou concentrado em temas que, para Lucas, parecem ser mais importantes.

Por isso estes poucos versículos são um conjunto importante e formam, no nosso modo de ver, um Ato, ainda que com poucas cenas, interligadas como em uma mesma ocasião.

### 1ª Cena. 6,20–26

#### As bem-aventuranças

Esta primeira cena é a proposta das “bem-aventuranças”. Aqui em Lucas elas são quatro ou cinco, dependendo do modo como são lidas e interpretadas as informações. Estes poucos versículos são significativos da mensagem e proposta de Jesus. Encontram-se também no texto de Mateus, mas com mais desenvolvimento. Uma comparação entre as Bem-aventuranças aqui, de Lucas, com as Bem-aventuranças de Mateus nos fará ver algumas diferenças interessantes. Vejamos:

**LEIA**  
**Lucas 6,20–26**

**[1] Paralelismo.** Antes de mais nada é importante notar a estrutura dos versículos das Bem-aventuranças. Especialmente os de Mateus, mas também os de Lucas. Eles seguem o modo das poesias hebraicas, que funciona com “paralelismos”.

A língua hebraica era a lida por Jesus e seus discípulos. Não era normalmente falada. Na fala eles usavam uma língua

parecida, o aramaico. Apenas para termos uma ideia da diferença entre elas é como a diferença entre o português e o espanhol. A leitura dos textos sagrados era feita em hebraico. E encontramos nestes textos, como encontramos na nossa Bíblia, ainda que traduzida, o tal paralelismo.

A palavra paralelismo faz referência a paralelo. Algo está paralelo quando tem uma outra coisa ao seu lado. A poesia hebraica, como os Salmos, que temos na Bíblia, e vários outros textos, são em paralelismo. Trata-se de uma ideia ou imagem ou princípio que é proposto e depois é negado, ou completado ou concluído. Assim:

[1] Uma frase: apresenta uma ideia ou imagem ou princípio:

[2] Outra frase: completa, nega ou conclui a ideia ou imagem ou princípio.

Vejamos um exemplo em um Salmo, o Salmo 83, nos versículos 3 a 5 (na Bíblia “Ave Maria” é 82). Primeiro o texto normal do Salmo, segundo “A Bíblia de Jerusalém”:

*<sup>3</sup> Protegeei o fraco e o órfão,  
fazei justiça ao pobre e necessitado,  
<sup>4</sup> libertai o fraco e indigente,  
livrai-os da mão dos ímpios!  
<sup>5</sup> Eles não sabem, não entendem, vagueiam em trevas:  
todos os fundamentos da terra se abalam.*

Agora o mesmo texto com as indicações de frases e seus tipos, quando afirmação e quando confirmação:

1ª Frase	<i><sup>3</sup> Protegeei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e necessitado,</i>	Afirmação Confirmação
2ª Frase	<i><sup>4</sup> libertai o fraco e indigente, livrai-os da mão dos ímpios!</i>	Afirmação Confirmação
3ª Frase	<i><sup>5</sup> Eles não sabe, não entendem, vagueiam em trevas; todos os fundamentos da terra se abalam.</i>	Afirmação Confirmação

Os versículos acima do Salmo 83, apresentam um paralelismo em duas frases. Este jeito de expressar ideias, chamado de paralelismo, pode ser também com três frases. Vejamos um

exemplo com três frases. Leia na sua Bíblia o Salmo 99 (100 na Bíblia "Ave Maria"). Ele é um Salmo com três frases que formam o paralelismo. Agora o vejamos com as indicações de proposta e complementação (a tradução é de "A Bíblia de Jerusalém"):

1ª Frase	<i>Aclamai ao Senhor, terra inteira,</i>	Propõe
2ª Frase	<i><sup>2</sup> servi ao Senhor com alegria,</i>	Afirma
3ª Frase	<i>ide a ele com gritos de júbilo!</i>	Completa
1ª Frase	<i><sup>3</sup> Sabei que só o Senhor é Deus</i>	Propõe
2ª Frase	<i>ele nos fez e a ele pertencemos,</i>	Afirma
3ª Frase	<i>somos seu povo, o rebanho do seu pasto.</i>	Completa
1ª Frase	<i><sup>4</sup> Entrai por suas portas dando graça,</i>	Propõe
2ª Frase	<i>com cantos de louvor pelos seus átrios,</i>	Afirma
3ª Frase	<i>celebrai-o, bendizei o seu nome.</i>	Completa
1ª Frase	<i><sup>5</sup> Sim! Porque o Senhor é bom:</i>	Propõe
2ª Frase	<i>O seu amor é para sempre,</i>	Afirma
3ª Frase	<i>e sua bondade de geração em geração.</i>	Completa

Em alguns textos, como este das Bem-aventuranças, os Evangelhos se expressam mais ou menos com este modo de argumentar. Isto está, talvez, mais evidente nas Bem-aventuranças segundo Mateus. Vejamos em 5,3-5:

1ª Frase	<i><sup>3</sup> "Bem-aventurados os pobres em espírito,</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque deles é o Reino dos Céus.</i>	Completa
1ª Frase	<i><sup>4</sup> Bem-aventurados os mansos,</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque herdarão a terra.</i>	Completa
1ª Frase	<i><sup>5</sup> Bem-aventurados os aflitos,</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque serão consolados.</i>	Completa

Mas também em Lucas podemos identificar este modo de se expressar. Vejamos em Lucas 6,20-21:

1ª Frase	<i>"Bem-aventurados vós, os pobres,</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque vosso é o Reino de Deus.</i>	Completa

1ª Frase	<sup>21</sup> <i>Bem-aventurados vós, que agora tendes fome</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque sereis saciados.</i>	Completa
1ª Frase	<i>Bem-aventurados vós, que agora chorais</i>	Afirma
2ª Frase	<i>porque haveis de ir.</i>	Completa

Isto tudo é interessante pois nos faz compreender como a Sagrada Escritura está ligada com a cultura de um tempo, o modo de se expressar e entender as coisas.

**[2] Semelhanças e diferenças.** Comparando Mateus e Lucas, em primeiro lugar notamos que Lucas, depois das Bem-aventuranças, tem “lamentos” ou “ameaças”. Em geral as edições da Bíblia trazem “maldições”. Mas isto não nos parece adequado, pois não existe, em nenhum momento, a palavra “malditos”.

Leia na sua Bíblia os textos aos quais nos referimos. Primeiro Mateus 5,1–12, em seguida Lucas 6,20–26. Nota-se de imediato que o texto de Mateus é maior do que o texto de Lucas. A linguagem, as expressões são diferentes. Em Mateus encontramos:

*Bem-aventurados os pobres em espírito...*

Precisamos pensar o que é “pobre em espírito”. Talvez seja os que têm um sentimento de desprendimento, como que sem possuir nada. Mas podem possuir, contanto que não se apeguem ao que têm. Já em Lucas encontramos uma afirmação muito mais direta, que não impõe interpretação:

*Bem-aventurados os pobres.*

São “pobres” e basta! Não se trata de “em espírito”, e sim “pobres que são pobres”. Outra coisa interessante: em Mateus lemos:

*Bem-aventurados os pobres em espírito,  
porque deles é o Reino dos Céus.*

Notemos duas coisas: primeiro, a afirmação de Jesus é feita na terceira pessoa do plural: **eles**. Assim, poderíamos dizer: “Bem-aventurados são **eles**, os pobres em espírito...” E a conclusão do paralelismo: “porque **deles** é o Reino dos Céus.” É na terceira pessoa. Já em Lucas, além da diferença entre “pobres em espírito” e “pobres”, temos:

*Bem-aventurados **vós**, os pobres,*

porque **vosso** é o Reino de Deus.

A afirmação é na segunda pessoa do plural: **vós**.

E o que é bem claro: Em Mateus é **Reino dos Céus** e em Lucas é **Reino de Deus**. Se Mateus é dirigido aos judeus, ele evita até escrever a palavra "Deus". Usa "Céus", como modo de dizer "Deus". Lucas não usa este jeito.

Vejam os textos de uma montagem destes dois textos. À esquerda temos o texto de Mateus, usado como base; à direita, o texto de Lucas:

<b>Mateus</b>	<b>Lucas</b>
<p><sup>1</sup> <i>Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele seus discípulos.</i></p> <p><sup>2</sup> <i>E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo:</i></p>	<p><sup>20</sup> <i>Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia:</i></p>
<p><sup>3</sup> <i>"Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.</i></p>	<p><i>"Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.</i></p>
<p><sup>4</sup> <i>Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.</i></p>	
<p><sup>5</sup> <i>Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.</i></p>	<p><i>Bem-aventurados vós, que agora chorais porque haveis de rir.</i></p>
<p><sup>6</sup> <i>Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.</i></p>	<p><sup>21</sup> <i>Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados.</i></p>
<p><sup>7</sup> <i>Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.</i></p> <p><sup>8</sup> <i>Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.</i></p> <p><sup>9</sup> <i>Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.</i></p>	
<p><sup>10</sup> <i>Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça porque deles é o Reino dos Céus.</i></p> <p><sup>11</sup> <i>Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.</i></p>	<p><sup>22</sup> <i>Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e, proscureverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.</i></p>
<p><sup>12</sup> <i>Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande</i></p>	<p><i>Alegrai-vos naquele dia exultai, porque no céu será grande</i></p>



<i>a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós.”</i>	<i>a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.”</i>
--	--

Estes são aspectos interessantes da comparação entre as Bem-aventuranças entre Mateus e Lucas. No caso de Lucas temos o acréscimo que não existe em Mateus: as ameaças. Elas são uma espécie de complemento das Bem-aventuranças. É interessante que as ameaças estão em paralelo em relação às Bem-aventuranças.

<b>Bem-aventuranças</b>	<b>Ameaças</b>
<i><sup>20</sup> Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.</i>	<i><sup>24</sup> Mas ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!</i>
<i><sup>21</sup> Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados.</i>	<i><sup>25</sup> Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome!</i>
<i>Bem-aventurados vós, que agora chorais porque haveis de rir.</i>	<i>Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!</i>
<i><sup>22</sup> Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e, proscurem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.</i>	<i><sup>26</sup> Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.</i>

As Bem-aventuranças, tanto em Mateus quando em Lucas, são dois modos semelhantes de propor um jeito novo de ser, de existir neste mundo. Elas invertem os valores que as sociedades sempre buscaram e continuam buscando. E não é preciso pensar muito nisto para entender. Veja:

– Na sociedade, feliz é quem é rico. Lucas apresenta Jesus afirmando que feliz ou *“bem-aventurado vós, os pobres...”* Mateus mostra Jesus afirmando que *“Bem-aventurados são os pobres em espírito...”*, indicando que é necessário ter um jeito de

viver simples, desapegado, pois não são os bens que geram a felicidade;

– Na sociedade atual — e sempre foi assim! — felizes são os que dominam, os que mandam, os que têm o controle sobre todos. Felizes são os líderes políticos, os agressivos, que agridem não apenas com armas, mas com leis injustas ou até com opressões e perseguições políticas. Em Mateus, *"Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus."*

– Na mentalidade comum, feliz é quem é esperto, sabe tirar vantagem das coisas. Em Mateus, *"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."*

– É comum afirmar que "política e religião não se discutem". Mas em Lucas encontramos a afirmação de Jesus: *"Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e, proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem."* Isto indica que é preciso se posicionar a favor ou contra Jesus.

E por aí vai! Estes poucos versículos, aqui vistos juntamente com o equivalente de Mateus, demonstram ser de grande importância para a compreensão do que virá depois. É uma espécie de introdução a tudo o que Jesus, na sua pregação, terá como consequência.

## 2ª Cena. 6,27–49

### Consequências

As propostas feitas por Jesus e apresentadas na forma de Bem-aventuranças e ameaças, têm as suas consequências. São aplicações específicas das Bem-aventuranças e são apresentadas em três grupos: a relação com os inimigos; a necessidade de misericórdia; os cuidados na convivência. Vejamos, então.

**LEIA**  
**Lucas 6,27–49**

**[1] A relação com os inimigos: 6,27–35.** A inimizade é, seguramente, uma realidade humana presente em toda parte e tempo. Os motivos para existir são tão ambíguos quanto múltiplos. A inimizade pode criar tradição e gerar comportamento cultural. No Livro do Gênesis lemos várias histórias que contam motivos de inimizades, dentre os quais o mais eloquente seja, talvez, a inimizade de Caim em relação a Abel.

Lendo Gênesis 3,1 até 4,26 vemos que o pecado original criou um completo desequilíbrio entre os homens. Por conta disto, não apenas as relações entre os seres humanos sofreram danos, mas também a relação entre os homens e Deus.

Dentro do contexto da narrativa mítica dos primeiros pais, Adão e Eva, seus filhos, Caim e Abel, dedicam-se ao cultivo da terra (Caim), e à criação de gado (Abel). A narração indica que as ofertas de Abel eram bem aceitas por Deus, e as de Caim não tanto... Isto lhe causou revolta e ele lançou-se sobre o irmão, Abel, e o matou (Gênesis 4,8).

Depois disto, Caim se escondeu e supervalorizou seu pecado (Gênesis 4,13). Para ele, que percebeu-se pecador, não poderia haver salvação! Isto é o que Jesus deseja restabelecer com a salvação que propõe. E começa com o convite, de grande relevância, para o perdão entre inimigos.

#### PECADO ORIGINAL

Este é um tema difícil de ser, de imediato, entendido. Mas é importante que se estabeleça, desde o início, que não é um pecado de sexo! É o pecado da soberba, da avareza, da ambição sem medida. Ela é tão elevada que faz o homem querer ser Deus.

Todas as vezes que alguém se coloca no lugar de Deus, está no caminho do pecado original. O episódio de Caim e Abel é um símbolo do desejo de possuir Deus, controla-lo. A revolta e o homicídio ocorrem pois Deus não se deixa controlar. Então, Caim decide tomar o lugar de Deus.

**[2] A necessidade da misericórdia: 6,36–37.** A palavra misericórdia precisa ser bem entendida. Não é piedade ou dó! É um sentimento de nasce das entranhas, do interior da pessoa. Não é, contudo, um sentimento natural, mas algo que tem em Deus a sua origem. É o amor mais profundo, que vem da proximidade com o Senhor.

Jesus, em Lucas, convida o fiel discípulo a vivenciar a misericórdia: *Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso!*” (6,36). Se o modelo é o Pai, que é Deus, então o modelo é a perfeição. Talvez Jesus esteja até um pouco exagerado esperando isto de seres tão limitados como somos nós. Mas é assim que lemos em Lucas.

A seguir a esta necessidade de misericórdia Lucas apresenta, vindo de Jesus, uma sequência interessante de recomendações feitas em pares (6,36–38):

Não julgar .....	Para não ser julgado
Não condenar.....	Para não ser condenado
Perdoar .....	Para ser perdoado

Dar ..... Para receber  
Com a medida que se mede ..... Cada um será medido

Notemos que o julgamento inicia as recomendações e a capacidade de atribuir valores às ações humanas são duas faces de uma única realidade: a coerência, que é o tema da terceira parte desta cena.

Não se deve, contudo, confundir a necessária avaliação de pessoas e fatos com o julgamento das intenções. Estas, as intenções, são internas ao ser humano e ninguém pode penetrar na consciência do homem para dizer que algo foi feito por desejo de maldade ou condicionamento cultural ou psicológico. Por outro lado, é necessário, sempre, diariamente, avaliar ações humanas, aprova-las ou não. Uma coisa, esta última, é avaliação: necessária. A outra, o julgamento, é temeroso e ariscado. O discípulo, objeto constante destes ensinamentos, deve estar sempre atento à sua conduta.

**[3] O cuidado na convivência: 6,38–49.** Talvez possamos dizer, além de “cuidado na convivência”, também “coerência de vida”. De fato, do modo como Lucas nos apresenta as recomendações de Jesus, sobressai não apenas a convivência, mas a coerência como um fato decisivo na vida de quem diz ter Fé. A observação de Jesus a respeito é direta:

*“Por que me chamais ‘Senhor! Senhor!’, mas não fazeis o que eu vos digo?” (6,46).*

Talvez nós, leitores do século 21, estejamos lendo um texto que, além de ser inspirado nas palavras de Jesus, é um forte questionamento do autor do Evangelho segundo Lucas feito para os fiéis cristãos, seus primeiros leitores, no século 1º. Não bastava dizer “Senhor” e continuar sendo incoerente com a proposta de Jesus, apresentada na cena anterior e reforçada nos dois pontos desta cena.

Para ser mais explícito, Lucas apresenta Jesus usando uma comparação tirada da experiência de construção de uma casa: seus fundamentos devem ser seguros, do contrário ela cai! Assim também a conduta dos discípulos: alicerçada em Jesus, com coerência de vida.

E para isto é necessário cultivo: é preciso aprender com Jesus, investir neste aprendizado, tal como um agricultor investe em sua plantação (6,43–44).

Um raciocínio de Jesus, aqui apresentado por Lucas, é também forte e indica um critério para avaliação da conduta:

*"Não há árvore boa que dê fruto mau,  
nem árvore má que dê fruto bom.  
Com efeito, uma árvore é conhecida por seu próprio fruto.  
Não se colhem figos de espinheiros,  
nem se vindimam uvas de sarças.  
O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o que é bom;  
mas o mau, do seu mal, tira o que é mau.  
Porque a boca fala daquilo que o está cheio o coração".*

(Lucas 6,45-45)

# Terceira Parte O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS NA LITURGIA

## Ano C — Lucas

### 3º Domingo do Tempo Comum

#### Lucas 1,1-4; 4,14-21

Tema: *Hoje realizou-se essa Escritura.*

As duas perícopes juntas compõem um quadro de apresentação de Jesus. No Domingo anterior propôs-se o primeiro sinal de Jesus segundo João, em 2,1-12. O Tempo Comum inicia com algumas apresentações da Pessoa e da Missão de Jesus. A primeira parte da leitura, perícopes 1,1-4, é o prólogo do Evangelho segundo Lucas. A segunda parte, perícopes 2,14-21, é o relato do início da sua pregação, na Galileia, com o discurso na sinagoga de Nazaré. É uma espécie de projeto de pregação ou “discurso programático” de Jesus.

### 4º Domingo do Tempo Comum

#### Lucas 4,21-30

Tema: *Como Elias e Eliseu, Jesus não é mandado só aos judeus.* Esta perícopes aparece no Domingo seguinte à dupla apresentação de Jesus, do prólogo de Lucas e dos primeiros passos públicos de Jesus na Galileia, em Nazaré. Nesta leitura de 4,21-30 Jesus sofre a reação dos que o ouviram na sinagoga de Nazaré. Eles o questionam, avaliam sua realidade e procedência, e o rejeitam, desejando-o lançar de uma colina. No próximo Domingo a leitura centraliza na escolha dos discípulos.

#### Interrupção 4,31-44

Este texto acima indicado é encontrado em outros momentos litúrgicos durante o ano. São eles:

**Lucas 4,21-37:** 22ª Semana. Terça-feira

Tema: *Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!*

Este é um longo texto que reúne três perícopes. Primeira, a reação dos ouvintes de Jesus, na sinagoga de Nazaré;

segunda, um pequeno sumário que serve de passagem entre a perícopes anterior e a próxima; terceira, a cura de um homem possesso de um espírito impuro. A leitura, como é apresentada, evidencia as duas reações absolutamente diferentes: os de Nazaré rejeitam a Pessoa e a Missão de Jesus; o homem possuído declara quem é Jesus.

**Lucas 4,38–44:** 22ª Semana. Quarta-feira

Tema: *Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus também a outras cidades, porque para isso é que eu fui enviado.*

A sequência da leitura, também na sequência do dia da semana, apresenta vários momentos: a cura da sogra de Pedro (4,38–39); um sumário de atividades de Jesus (4,40–41); e uma menção à necessidade de anunciar em outros lugares, além de Nazaré e da Galileia.

## **5º Domingo do Tempo Comum**

### **Lucas 5,1–11**

Tema: *Deixando tudo, eles o seguiram.*

Depois de anunciar em Nazaré e lá ser rejeitado (4,14–30); depois de realizar milagres como a expulsão de um espírito impuro (4,31–37); depois de outros milagres (4,38–44), Jesus agora escolhe seus discípulos.

### **Interrupção 5,12–6,16**

Os textos a seguir não são propostos para proclamação nos Domingos, mas sim nos dias indicados.

**Lucas 5,12–16:** Tempo do Natal. Sexta-feira depois da Epifania ou 11 de Janeiro

Tema: *De repente, a lepra desapareceu.*

Esta perícopes aparece quase no final do Tempo do Natal. Talvez ela prepare para a apresentação da Pessoa e Missão de Jesus, que acontecerá no início do Tempo Comum.

**Lucas 5,17–26:** Tempo do Advento. 2ª Semana, Segunda-feira

Tema: *Hoje vimos coisas maravilhosas!*

Em relação ao tempo litúrgico esta perícopes “volta atrás”, pois é colocada na primeira parte do Tempo do Advento, durante a semana. Trata-se do episódio do paralítico carregado pelos homens que o descem pelo telhado, a fim de que Jesus o cure.

**Lucas 5,27–32:** Tempo de Quaresma. Sábado depois das Cinzas

Tema: *Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores para a conversão.*

Este texto está bem deslocado, pois quase isolado dos demais textos de Lucas. Aqui o tema é o chamado dos pecadores, com Levi ou Mateus em destaque, junto aos escribas e fariseus.

**Lucas 5,33–39:** 22ª Semana comum. Sexta-feira

Tema: *Mas dias virão em que o noivo será tirado do meio deles. Então, naqueles dias, eles jejuarão.*

Esta perícopos inicia, na 22ª Semana comum, uma sequência de perícopes. Aqui começam algumas recomendações de Jesus relativas à coerência com a vivência da Palavra no Reino de Deus que Ele veio estabelecer. Subentende-se que há o tema da rejeição de Jesus.

**Lucas 6,1–5:** 22ª Semana comum. Sábado

Tema: *Por que fazeis o que não é permitido em dia de sábado?*

O tema da rejeição de Jesus é intenso nesta perícopos das espigas arrancadas. Incluso está o tema do sábado.

**Lucas 6,6–11:** 23ª Semana. Segunda-feira

Tema: *Observavam para verem se Jesus curaria em dia de sábado.*

O tema do sábado é evidente, pois Jesus não está limitado por ele. Jesus cura um homem de mão atrofiada, e o faz em dia de sábado, o que cria mais animosidade sobre si.

**Lucas 6,12–19:** 23ª Semana. Terça-feira

Tema: *Passou a noite toda em oração. Escolheu doze dentre os discípulos, aos quais deu o nome de apóstolos.*

Este texto parece que encerra o período de apresentação dos discípulos. Ele não fecha o argumento da escolha dos discípulos. Apenas indica que alguns deles foram escolhidos para estar mais próximos de Jesus.



## **6º Domingo do Tempo Comum**

### **Lucas 6,17.20–26**

Tema: *Bem-aventurados vós, os pobres; mas ai de vós, ricos!*

É o tema das bem-aventuranças, introduzido pela afirmação que as multidões seguiam Jesus. Seguem-se depois as bem-aventuranças e as maldições. O argumento do Evangelho inicia neste Domingo e vai para os próximos.

### **Interrupção no interno da perícopes 6,18–19**

## **7º Domingo do Tempo Comum**

### **Lucas 6,27–38**

Tema: *Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.*

Este texto dá sequência ao discurso das bem-aventuranças pois apresenta Jesus comentando sobre a conduta dos discípulos. Depois de argumentar sobre o amor aos inimigos Ele propõe a misericórdia como caminho de ser mais e melhor. Jesus fala aos discípulos educando-os nos valores do Reino de Deus. Isto continua no próximo Domingo.

## **8º Domingo do Tempo Comum**

### **Lucas 6,39–45**

Tema: *A boca fala daquilo de que está cheio o coração.*

O texto continua exortando a um comportamento adequado como discípulo. Jesus usa a metáfora da árvore e dos frutos. Os discípulos devem prestar muita atenção a respeito de si mesmos e de sua conduta, pois facilmente podem desviar-se.

### **Interrupção: 6,46–49**

Os textos a seguir não são propostos para proclamação nos Domingos, mas sim nos dias indicados.

**Lucas 6,43–49:** 23ª Semana comum. Sábado

Tema: *Por que me chamais: "Senhor, Senhor!", mas não fazeis o que eu digo?*

O texto de Lucas exige coerência da parte dos que ouvem a Jesus. De fato, não é fácil ser discípulo, pois expõe ao risco e à verdade nos atos e nas intenções.

# VOCABULÁRIO BÁSICO

**Autógrafo (texto autógrafo)** (pág. 8). É o texto que foi produzido pelo seu próprio escritor. Deve-se evitar o uso da expressão "texto original", pois o conceito de "original" é muito complexo. Melhor é "texto autógrafo", isto é, aquele foi escrito pelo autor, não uma cópia.

**Axioma** (pág. 32). É um pensamento curto mas denso, cheio de significado. Ele passa a ser uma espécie de ditado e é usado frequentemente em determinadas circunstâncias. É uma espécie de princípio que não se questiona.

**Cursivas (letras cursivas)** (pág. 8). São as que chamamos de letras de mão, ou escritas a mão.

**Escriba** (pág. 10). É o profissional da escrita. Na antiguidade a escrita era uma função muito especializada, visto que poucos sabiam escrever.

**Exegese** (pág. 5). É o estudo de um texto. Esta palavra aplica-se muito claramente aos que estudam as Sagradas Escrituras. Assim, exegeta é um especialista nos textos bíblicos.

**Leitores primeiros** (pág. 36). Todo texto, antes de chegar até os leitores modernos (nós) teve um percurso histórico. Deve-se perguntar sempre: "Quem foi o primeiro leitor deste texto?", ou "Por que este texto é assim?". Conhecer o mundo e as realidades dos primeiros leitores de um texto bíblico ajuda a compreender este texto.

**Pária** (pág. 38). Alguém que é jogado do lado, um excluído de algum grupo ou sociedade.

**Santos Padres** (pág. 22). Depois da morte dos Apóstolos, os seus discípulos assumiram as responsabilidades na condução da Igreja que estava nascendo ainda. Os sucessores dos Apóstolos são os chamados "Padres Apostólicos". Eles não eram, necessariamente, "padres" como nós entendemos hoje. E depois que passou o tempo ou a geração destes tais Padres Apostólicos iniciou-se o tempo dos seus discípulos, os chamados "Santos Padres". Este tempo durou dos inícios do segundo século depois de Cristo até o século quinto. Estes tais "santos Padres", que também não eram todos "Padres", ordenados. Mas tem este nome, "padre", pois significa "pai". Eles foram os "pais" da Igreja.

**Sumário** (pág. 48). É um pequeno texto, de poucas linhas, que resume vários episódios, às vezes até muito diferentes entre si. Geralmente é uma pequena perícopes que serve de ligação entre duas maiores.

**Taumaturgo** (pág. 39). É o “milagreiro”. Taumaturgia é o ato de fazer milagres.

**Teologia bíblica** (pág. 5). É o ramo da Teologia que estuda as Sagradas Escrituras. Existem outros ramos, como a Teologia Sistemática, a Teologia Prática, etc.

**Testemunho** (pág. 8). Neste nosso estudo “testemunho” é o texto usado como referência de leitura. Um texto antigo é uma referência, um “testemunho”.

# RESPOSTAS DAS QUESTÕES AUTO-AVALIATIVAS

Vejam algumas sugestões de respostas para as perguntas do fascículo anterior. Veja bem que são **sugestões** de respostas.

1. Por que entendemos que Jesus Cristo é **sinal de contradição** no Evangelho segundo Lucas?

*Porque a sua proposta vai além do que esperavam os seus contemporâneos. Ele surpreende sempre. Além disso, seguir a Jesus é colocar-se muitas vezes, quase sempre, na contramão dos costumes sociais. Ainda hoje.*

2. Podemos **ler** todos os textos da Bíblia **do mesmo modo**?

*Não! Cada texto tem um estilo, um jeito de ser e uma motivação. Ler um texto poético como um relato ou uma profecia como uma descrição é cometer erros de leitura bíblica muito comuns.*

3. O que são **gêneros literários**?

*São tipos de escrita. Cada gênero literário é um estilo, um modo de escrever que precisa ser entendido adequadamente. Uma poesia é, por natureza, exagerada, metafórica.*

4. Indique **alguns gêneros literários** presentes nos Evangelhos.

*Narração, relatos de milagres, ensinamentos, parábolas, queríguas, catequeses, etc.*

5. O que são **blocos narrativos**?

*São partes menores dos textos que têm uma certa unidade. Por exemplo, o bloco narrativo do "sermão da montanha".*

6. Como podemos entender **mistério** no caso dos textos dos Evangelhos?

*"Mistério" não é algo que não se entende. Antes, é algo que se entende e quanto mais se entende, mais é possível entender. É a ação de Deus na vida das pessoas, de modo direto ou indireto. Jesus Cristo é, Ele mesmo, o maior dos Mistérios de Deus para nós.*

7. A partir da leitura e do estudo da última parte do Evangelho segundo Lucas, vista nesta unidade, do 1º Ato, que chamamos aqui de “Jesus, o Perseguido”, quais são os **momentos principais** que envolvem a sua Pessoa?

*A ceia pascal é um destes momentos. A aceitação ou rejeição da sua Pessoa, é também muito importante. O fato de Jesus aceitar a necessidade de sua paixão e morte é decisivo.*

8. A partir da leitura e do estudo da última parte do Evangelho segundo Lucas, do 2º Ato, que chamamos de “Jesus, sua Paixão e Morte”, quais são os **momentos principais** que envolvem a sua Pessoa?

*São muitos, mas podemos indicar a rejeição de Jesus por parte das autoridades judaicas. Sua condenação à morte, por parte de Pilatos. Sua crucifixão e sua morte.*

9. Para aderir a Jesus, isto é, para **crer**, é necessário algo. Ficamos conhecendo o que é pela leitura de Lucas 24,13–35. Fale um pouco sobre **crer** a partir desta passagem importante, que se chama geralmente de “discípulos de Emaús”.

*Para crer é preciso estar de coração e mente abertos. Se a pessoa não crê com o coração, isto é, com o afeto, mas apenas com a razão, ela pode se tornar um terrorista, que de modo irracional agride outros pensando que está fazendo a vontade de Deus... Se a pessoa crê somente com a razão, sem o afeto, ela pode tornar-se falsa, hipócrita, pois conhece muito bem a verdade e a Deus, mas não o vive pessoalmente.*

10. Como podemos compreender o Evangelho de Lucas? Tente responder de modo pessoal, a partir de sua percepção, tendo em vista nosso estudo.

*Bem, aqui a resposta é muito pessoal!...*

No próximo fascículo seguirão as perguntas relativas a este e ao fascículo 9.





